



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

**ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: EM QUE MEDIDA PRÁTICAS
PROMOVIDAS POR UM GRUPO DE VOLUNTÁRIOS SE
MANIFESTAM COMO AÇÕES PEDAGÓGICAS?**

Pauline Dahmer

Lajeado, novembro de 2017.

Pauline Dahmer

**ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: EM QUE MEDIDA PRÁTICAS
PROMOVIDAS POR UM GRUPO DE VOLUNTÁRIOS SE
MANIFESTAM COMO AÇÕES PEDAGÓGICAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na disciplina Trabalho de
Curso II - 2017/B, do Curso de
Pedagogia, da Universidade do Vale do
Taquari - UNIVATES, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Pedagogia.

Orientadora: Profª Dra. Danise Vivian

Lajeado, novembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final dessa caminhada, passa um filme pela cabeça, trabalhos, pesquisas, estágios, programações interrompidas, noites mal dormidas, lágrimas derramadas nos momentos de frustrações. Tudo isso me fortaleceu para ir em busca do meu sonho, sonho esse que muitas pessoas fizeram parte para torná-lo realidade.

Primeiramente a Deus, por guiar meus passos, nunca me deixando desistir. Obrigada Senhor, por ter colocado pessoas maravilhosas e essenciais na minha vida.

Aos meus pais, Lismar Dahmer e Rosane Dahmer, por sempre terem me incentivado a estudar, estando ao meu lado em todos os momentos. Eu devo tudo o que sou a vocês, e se sinto orgulho de mim e do lugar aonde cheguei é porque sei que vocês vieram segurando a minha mão.

Minhas irmãs Alissandra Dahmer e Emanuele Dahmer Knob, que me apoiaram com palavras, gestos, conselhos ao longo do processo, entendendo minha ausência. É lindo poder compartilhar meus sonhos com vocês!

Fico muito feliz, também, de poder estar com meu namorado Wiliam Buchele, que me acompanhou nessa caminhada com todo apoio, carinho e incentivo, como também a minha segunda família, meus sogros, cunhadas e cunhadas, e a vó Hersi, por deixarem meus dias mais alegres.

Aos mestres, pelos ensinamentos, sabedoria e dedicação. Pela sua presença marcaram minha vida, vocês foram fundamentais na minha história. Em especial a minha querida professora orientadora Danise Vivian, por não medir esforços para me auxiliar e compreender, obrigada pelos ensinamentos e inspirações que me motivaram a procurar sempre o correto. Faltam-me palavras para agradecer o quão especial foi nesta conquista.

Aos meus amigos, por todo carinho e apoio, entendendo minha ausência nessa caminhada.

Aos meus colegas e amigos que pude fazer nesses anos de faculdade, em especial à Camila Bagio, Jéssica Patrícia Ribeiro e Suelen dos Passos, uma amizade que se iniciou no primeiro semestre e que continuará para o resto de nossas vidas. Obrigada pelos abraços nos momentos difíceis, e vocês sabem que não foram poucos, pelos conselhos, risadas, obrigada pelos grandes momentos que pude compartilhar com vocês.

Nessa caminhada aprendi que só uma coisa torna o sonho impossível: o medo de fracassar e que ninguém pode prever do que você é capaz, nem você mesmo, até tentar.

Sendo assim, dedico minha vitória, o sonho realizado a cada uma dessas pessoas e agradeço por fazerem parte de minha vida.

“Um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho.

Um sonho sonhado juntos é realidade.”

Yoko Ono

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender em que medida práticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares. Sabe-se que o pedagogo tem a possibilidade de atuar em diferentes espaços que ultrapassam os muros escolares. Em termos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com inspiração no estudo de caso e valeu-se de observações, diário de campo, fotografias, grupo focal e entrevista com a idealizadora do grupo como forma de gerar dados. Para conseguir responder a problemática central deste estudo três caminhos foram trilhados: (a) Investigar o que são ações pedagógicas; (b) Compreender as diferenças conceituais entre Educação formal, não formal e informal, dando destaque ao espaço não escolar; (c) Investigar o que um grupo de voluntariado compreende como ações pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares. Os resultados preliminares deste estudo apontam que: 1) ações pedagógicas podem se caracterizar como práticas educativas intencionais, já que toda atividade pedagógica constitui uma prática educativa de forma abrangente, formativa e planejada podendo acontecer em qualquer espaço e não somente nos espaços escolares, desde que ocorra de maneira intencional; 2) educação formal é a educação tradicional e institucionalizada, que ocorre dentro das escolas; educação informal é a transmissão da cultura, dos hábitos, tradições e os valores, ocorrendo nos grupos de amigos, igrejas, comunidade, família; educação não formal é uma ação intencional, com objetivos determinados, que busca a transmissão de conhecimento, a formação de indivíduos, ocorrendo em espaços não escolares; e 3) as ações que o grupo de voluntariado promove, são realizadas de forma intencional, o planejamento é organizado de uma maneira mais flexível, o improvisado faz parte da rotina, pois cada porta que se abre é um novo começo, a missão do grupo é promover experiências da alegria para os pacientes hospitalizados e seu entorno enxergando o hospital de uma forma lúdica e menos dolorida. Após observar o grupo em ação no hospital, na escola e na reunião de planejamento, e vários questionamentos realizados nos grupos focais que buscaram esmiuçar a existência dos pré-requisitos que configuram a ação pedagógica se percebeu que possuem pouco conhecimento sobre essa construção pedagógica, mesmo porque, como salientaram várias vezes não ser esse o foco deles. Os palhaços doutores estão mais relacionados com

ações educativas, ações lúdicas do que propriamente com as funções pedagógicas, de uma preocupação pedagógica, de um compromisso para com o aluno ou paciente.

Palavras-chave: Ações pedagógicas. Espaços não escolares. Planejamento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de figuras

Figura 1 - Bastidores da oficina teatral	35
Figura 2 - Visita da dupla do grupo Doutores P da Alegria ao hospital	38
Figura 3 - The Dream Doctors atuando durante uma intervenção médica.	43
Figura 4 - Grupo Doutores P da Alegria atuando para estudantes.	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ABORDAGENS CONCEITUAIS DO ESTUDO	12
2.1 Educação e Formação do Pedagogo	12
2.2 Ações pedagógicas	17
2.3 Educação formal, não formal e informal	21
3 CAMINHOS DA PESQUISA	27
3.1 Etapas para a geração de dados	29
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
4.1 Os Doutores da Alegria	32

4.2 Doutores P Multiplicadores da Alegria - Planejamento, organização e funcionalidade	34
4.2.1 Reunião de planejamento	34
4.2.2 Observação no hospital	36
4.2.3 Análise dos grupos focais	41
4.3 A relação do grupo voluntariado com as ações pedagógicas	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A	65
APÊNDICE B	67
APÊNDICE C	68
APÊNDICE D	71

1 INTRODUÇÃO

Grande parte da sociedade associa a educação com o espaço da escola, nada mais do que justo, mas que não contempla todas as dimensões na qual esta se faz presente. E sobre os processos educativos o autor esclarece que: "[...] podem ocorrer nos mais variados ambientes sociais, caracterizando como educação, não apenas os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem dentro do ambiente escolar, mas, também, aqueles que ocorrem fora dele" (BRANDÃO, 2007, p. 17).

Para Gomes, Silva e Silva (2012, p.4) "[...] a educação, assim, se caracteriza como um processo contínuo que se desenvolve a todo momento onde haja pessoas construindo conhecimentos em interação e inter-relação". Brandão complementa: "Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar." (BRANDÃO, 2007, p.7).

É dentro do tema da educação não formal que envolve assuntos como espaços educacionais, práticas educativas, ações pedagógicas, dentre outros, que o presente estudo buscou contribuir por meio de informações e dados, na fundamentação da importância exercida por esse tipo de educação e formação dos cidadãos. O estudo irá se apoiar em autores como Maria da Glória Gohn (2001, 2006, 2010), Paulo Freire (1977, 2011, 2016), António Nóvoa (1995, 2014), Paulo Padilha (2003), José Carlos Libâneo (2003, 2013), Paulo Ghiraldelli Júnior (2014) que tratam de assuntos pertinentes ao tema da educação não formal.

O problema central do presente estudo, assim como seu objetivo geral, foi compreender e analisar em que medida práticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares. Para auxiliar a responder o problema de pesquisa compus alguns objetivos específicos que aprofundam os processos a serem analisados: a) investigar o que são ações pedagógicas; b) compreender as diferenças conceituais entre educação formal, não formal e informal, dando destaque ao espaço não escolar e c) investigar o que um grupo de voluntariado compreende por o que sejam ações pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares.

A motivação para o desenvolvimento desse estudo surgiu com base em algumas disciplinas do curso de Pedagogia que abordavam os diferentes espaços de atuação do pedagogo. Através de uma visita realizada ao Instituto do Câncer Infantil - ICI em Porto Alegre, na disciplina Prática Investigativa II, ministrada pela professora Fabiane Olegário me senti estimulada a aprofundar o assunto.

Atuo na área da saúde há dez anos e não cogitava, até aquele momento, a possibilidade de um pedagogo poder atuar nesta área. O hospital que trabalho não possui espaço de recreação e nenhuma ação pedagógica. Com o tempo foram surgindo várias inquietações sobre a importância de ações pedagógicas em diferentes espaços. Através disso, interessei-me em investigar e aprender sobre esse assunto, até então desconhecido para mim.

Estas reflexões buscam o enfoque no planejamento e elaboração de ações pedagógicas em que a prática vivenciada é parte colaborativa para a formação assim como para ampliação dos conhecimentos, possibilitando o caminho do aperfeiçoamento do saber/fazer relacionado ao ensino aprendizagem não formal. Além disso, cabe destacar a importância de pensar a ampliação da atuação pedagógica em espaços não escolares de forma a contribuir na formação de um cidadão consciente, capaz de refletir sobre sua realidade e interagir de forma positiva com o meio no qual se encontra.

Tendo em vista o exposto acima, esta pesquisa pode vir a contribuir com futuros estudos com esta temática, além de servir como base prática para professores, alunos, os mais variados representantes da sociedade civil, e instituições interessadas no desenvolvimento de suas potencialidades.

Para melhor compreensão das ideias expostas, o estudo encontra-se dividido em cinco capítulos: a introdução que realiza uma apresentação da pesquisa que buscou tornar a leitura atrativa e reflexiva para o leitor, abordando a atualidade e a importância do tema abordado. Um segundo capítulo de referencial teórico sob o título de Abordagens Conceituais do Estudo que se acercou dos seguintes assuntos: educação formal, não Formal, informal e seus significados, o que são ações pedagógicas e, por fim, a relação entre educação e formação pedagógica. Em um terceiro capítulo intitulado de Caminhos da Pesquisa, foi descrita a metodologia que orientou a pesquisa, ao longo do estudo. A interpretação dos dados recolhidos foi tema para o quinto capítulo denominado Apresentação e Análise dos Dados, no qual foram discutidos os resultados das observações no hospital e na reunião de planejamento, assim como os grupos focais, apoiando-se nos conhecimentos descritos no referencial teórico do estudo, também de novas referências e de comentários da autora. No sexto e último capítulo denominado de Considerações Finais são apresentadas reflexões a respeito do problema central de pesquisa, assim como sugestões a respeito do tema e as conclusões sobre a eficácia em cumprir os objetivos propostos para o estudo.

2 ABORDAGENS CONCEITUAIS DO ESTUDO

Este capítulo se destina a construir os eixos conceituais do estudo, sendo eles: 1) conceitos sobre a educação e formação do pedagogo, 2) ações pedagógicas, 3) educação: formal, não formal e informal. Através dos argumentos de diferentes autores tentarei explicar o que estou entendendo sobre estes conceitos.

2.1 Educação e Formação do Pedagogo

As ações pedagógicas ocorrem nos mais diversos espaços sociais, podendo ser amplamente encontradas e citadas na literatura. A fim de melhorar o entendimento, esclarecendo o como, o quando, o onde e o por que dessas ações, faz-se necessário, primeiramente, tratar alguns conceitos históricos sobre educação e a formação que apóia o exercício da profissão.

Historicamente a educação exerceu grande influência na sociedade e com o passar do tempo exigências de conhecimentos e habilidades técnico-teóricas tornaram-se essenciais para a formação dos profissionais docentes. Em se tratando da educação no Brasil é possível mencionar que esta, inicialmente, em diferentes fases da colonização do país, baseava-se em um processo de transmissão informal do conhecimento (RIBEIRO, 2003; STIGAR; SCHUCK . 2008).

Com o passar dos tempos houveram mudanças significativas em relação à educação, que viabilizaram um ensino que também se voltava às questões sociais. Há época, final do século XIX e durante boa parte do século XX, predominou no país

a pedagogia tradicional, linha de pensamento na qual a educação deveria ser um instrumento de transmissão da cultura desatrelado à realidade social. Dessa forma em contrapartida a pedagogia tradicional surgiu a pedagogia nova, denominada de Escola Nova. Mudanças consideráveis acontecem na educação, este movimento valoriza o ser e sua espontaneidade além de basear-se em estudos da psicologia da criança (MONARCHA, 2007; BALDAN; ARCE, 2009). A partir destas mudanças começam a aparecer legislações e manifestos em relação à educação, que contribuíram para uma trajetória que permeou distintos caminhos resultando nos dias atuais em conquistas em relação à educação e mais precisamente em relação à formação docente (MONARCHA, 2000; BALDAN; ARCE, 2009).

Hoje a educação necessita contar com profissionais comprometidos com as mudanças e transformações e assim buscar uma educação que, sobretudo, integre os desafios do cotidiano. Que possibilite o desenvolvimento das múltiplas linguagens, possibilitando, por exemplo, a inserção das tecnologias da informação e comunicação nas práticas pedagógicas a fim de integrar os processos educacionais à realidade do educando e da pedagogia em diferentes espaços sociais que não tão somente a escola tradicional (LIBÂNEO, 2013).

Portanto, a formação dos pedagogos como profissionais voltados para o mercado caracteriza-se como uma busca pela melhoria da qualidade da educação e da própria sociedade. Neste sentido, aliada às políticas públicas educacionais, a formação continuada de forma fundamentada e planejada permeia a tradicional identidade do pedagogo possibilitando a ele atuar de forma significativa e transformadora (NÓVOA, 1995).

A educação relaciona-se a processos históricos, por isso a formação que emerge dos diferentes cursos busca responder às necessidades colocadas pela sociedade desenvolvendo retorno às demandas desta. Essa evolução leva à necessidade de implementar nas práticas pedagógicas o uso de tecnologias, competências e habilidades como recurso facilitador aos processos de ensino e aprendizagem. Portanto a busca pela melhora nas práticas pedagógicas se desenha

como um campo em que o profissional precisa estar apto, ter conhecimento e clareza assim como possibilidade de estar inserido em sala de aula (NÓVOA, 1995).

A ideia de Nóvoa (2014) revela a importância dos diálogos em torno da formação que deve enfatizar o aperfeiçoamento do profissional no âmbito educacional e as contribuições no fazer pedagógico. Valorizar a caminhada dos docentes e a evolução durante a carreira, ou seja, observar o que o aperfeiçoamento contribuiu para a formação, o que as vivências e trocas de experiências possibilitaram para a reflexão e a ação. Desta forma para Nóvoa:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1995, p. 25).

Neste sentido, Freire defende a relação da prática com o sujeito, quando diz que:

Toda a prática educativa requer a existência de sujeitos que ensinam e aprendem os conteúdos, por meio de métodos, técnicas e materiais, e implica em função do seu caráter diretivo, objetivos, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 2011, p. 78).

Pensar a formação docente é investir na qualificação dos profissionais, e sem dúvida na qualidade da educação. Desta forma a prática educativa frente a essas possibilidades permite que o profissional esteja à frente de seus objetivos e possa ampliar seus conhecimentos assim como redimensioná-los na prática pedagógica, contribuindo assim para suas práticas (FREIRE, 2016).

Nunes (2001) ao analisar a formação dos professores e saberes docentes, caracteriza o modelo de educador e a contextualização de seus saberes. O autor afirma:

Dessa forma, resgata a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de auto-formação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com a prática vivenciada. Assim seus saberes vão se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Essa tendência reflexiva vem-se apresentado como um novo paradigma na formação de professores,

sedimentando uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares. (NUNES, 2001, p.30).

Seguindo essa linha de pensamento, o enfoque em relação à formação continuada, aos trabalhos voluntários, à participação em Organizações não Governamentais (ONGs) ou em grupos comunitários possibilita através do aperfeiçoamento constante e contínuo, reflexão sobre a própria prática dos profissionais que contribuem para a implementação de políticas que envolvam a formação a partir deste envolvimento pessoal. Entende-se que a partir das próprias reflexões que os educadores fazem acerca de sua prática, seja possível encontrar uma amplitude reflexiva da sua ação docente e do seu fazer pedagógico, possuindo assim instrumentos para repensá-lo (NUNES, 2001; ONGSBRASIL, 2017).

Cabe destacar que a formação do educador deve estar relacionada ao seu contexto, possibilitando experiências e troca de saberes, em que possa compartilhar ideias e construir relações. Nesse sentido o fazer pedagógico aliado às construções e saberes diversos, articulados por um referencial teórico-prático, possibilita a aprendizagem significativa e comprometida, contextualizando a formação/atuação, e favorecendo para a aprendizagem do aprendiz (BOLFER, 2008).

É importante ressaltar que as práticas pedagógicas devem considerar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, presentes na Resolução CNE/CP n. 01/2006, nos artigos 4º e 5º, que caracterizam o curso de pedagogia e as aptidões requeridas do profissional desse curso. E a parte que interessa à atuação do profissional em pedagogia fora do campo escolar é:

Art. 4º - (...) Parágrafo único. (...) II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III - produção e difusão do conhecimento científicotecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (Resolução CNE/ CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006).

A área de trabalho para a pedagogia, ao contrário do que pensam muitos, é muito ampla e vem crescendo de forma exponencial nos últimos anos. Entre as áreas mais promissoras para a atuação do pedagogo está a área hospitalar onde o profissional tem a oportunidade de trabalhar com crianças e jovens, em idade

escolar, internados e desenvolver atividades pedagógicas que acompanhem o ritmo da vida escolar, reduzindo o prejuízo de aprendizado em função da estadia no hospital.

Há destaque também para a área empresarial onde o pedagogo atuando no setor de recursos humanos poderá trabalhar questões comportamentais, desenvolver habilidades e competências dos funcionários gerando um melhor ambiente de trabalho e ganhos produtivos. A área jurídica onde o pedagogo auxilia na compreensão e instrui na compreensão dos processos e normas jurídicas sob o ponto de vista social, e educacional. A área militar atuando na educação dos soldados, no planejamento e coordenação de projetos com alunos e instrutores dentre outras (HOLTZ, 2006; MATTOS; MUGIATTI, 2009, COTEMAR, 2017).

Para Libâneo (2013), o profissional em pedagogia da atualidade enfrenta um desafio referente a sua atuação, que pode se dar tanto nos espaços escolares ou não escolares, o que acaba, por conta disso, remetendo a uma reflexão sobre sua formação relacionada ao exercício da profissão. O momento de globalização atual que se caracteriza por estabelecer inter-relações de natureza econômica, política, cultural e pessoal entre as pessoas, países, povos, exige do pedagogo uma postura atuante não apenas na escola, como o ambiente que existe fora dela. Libâneo (2013) descreve a importância da formação de um pedagogo *stricto*:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas sócio-educativas de tipo formal e não formal e informal, decorrentes de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental – não apenas na gestão, supervisão e coordenação pedagógica das escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais [...] na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional etc. (LIBÂNEO, 2013, p. 38-39)

Partindo dessas reflexões iniciais, nota-se que o pedagogo da atualidade deve ter ciência com relação a sua prática a qual não mais se limita aos processos

tradicionais de ensino-aprendizagem, nos conhecidos espaços escolares formais onde os ensinamentos eram ministrados (LIBÂNEO, 2013).

Através das reformulações que o Curso de Pedagogia vem experimentando nos últimos anos, desde a sua criação em 1939 até o momento da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia – Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006, pensa-se em uma Pedagogia Social onde a formação de pedagogos não pode mais ficar limitada a docência somente no âmbito dos espaços tradicionais escolares, mas deve englobar os seus diferentes espaços de atuação (GOHN, 2001).

2.2 Ações pedagógicas

Na minha busca por uma definição sobre o que são ações pedagógicas não encontrei uma resposta precisa a esse termo. Por isso neste capítulo procurarei explicar, através da interpretação de alguns autores, o que estou entendendo por este conceito. Para tanto, primeiramente é necessário explicitar os conceitos de ação, Pedagogia e pedagógico.

Houaiss (2009) apresenta algumas definições para o substantivo feminino "ação" que se adequam ao presente estudo como a evidência de uma força de um agente e seu efeito, o efeito de alguém ou algo sobre uma pessoa, a maneira de proceder, ou seja, um comportamento que resulta em atividade e movimento. Para Libâneo (2013) a ação refere-se aos sujeitos, o modo que age, pensa, reflete, seus compromissos, valores, suas escolhas, seus modos de ensinar, de planejar, suas crenças, procedimentos. O sentido amplo da palavra ação refere-se a atividade humana, o fazer. A ação também pode ser referida a objetivos, finalidades e meios.

Libâneo (2013) explica de forma sintética que pedagogia é o ensino em si, o modo de ensinar. E que, originalmente, o termo "peda" vem do grego "paidós", que significa criança, e "agein" que significa conduzir". Isto se deve ao fato dos escravos que conduziam as crianças para as aulas serem chamados de pedagogos, pois apesar de serem servos às crianças, necessitavam lhes ensinar boas maneiras, a

decorar as lições e poemas, além de fazer valer sua autoridade quando necessário (ARANHA, 2006). Ainda segundo Libâneo (2013), o ensino é primordialmente dirigido para as crianças, e quem ensina para as crianças é o pedagogo. Portanto, a pedagogia se ocupa de processos educativos, métodos, maneiras de ensinar; buscando uma constante melhoria nos processos de aprendizagem dos indivíduos.

Outra definição pode ser encontrada em Cadinha (2007, p.21), para quem “a pedagogia é o campo do conhecimento científico, que se ocupa do estudo sistemático da educação em suas várias modalidades, e da prática educativa concreta, que se realiza em todos os aspectos que formam uma sociedade de ações”. Nesse sentido, Cadinha (2007, p.20), destaca que o profissional em pedagogia não é apenas aquele que conduz a criança, mas “o pedagogo é um estudioso dos resultados educativos que acontecem em todas as vidas sociais, culturais e intelectuais do sujeito inserido em uma sociedade na qual contribui para o seu desenvolvimento”.

Conforme citado no parágrafo anterior a pedagogia se ocupa de processos educativos, sendo um deles a maneira de ensinar. É baseado nessa premissa que Ghiraldelli Júnior (2014) explica que a pedagogia é uma área do conhecimento humano que engloba os saberes da área da educação como a didática, a filosofia, a sociologia, entre muitas, buscando formar o ser humano como um todo em seu caráter. E por esse motivo é que a pedagogia não é apenas o ato de conduzir crianças para as salas de aula ou em seus estudos, mas um meio de formação da personalidade do indivíduo com suas qualidades e peculiaridades.

Também para Freire (2016), ensinar não é apenas transferir conhecimentos e conteúdos, é a ação pela qual se dá forma à personalidade do indivíduo. Para o autor, nos processos educativos, são encontrados desafios e diferentes maneiras de pensar as aprendizagens, não existindo uma forma nem um único modelo de educação. Por consequência, a escola não é o único lugar em que ela acontece, a educação está em todos os lugares na vida das pessoas.

Para que os processos educativos aconteçam, são necessárias, primeiramente, teorias que embasem esses métodos, além de um conjunto de objetivos bem traçados derivados de um processo de reflexão sobre como agir. Assim a Pedagogia orienta a prática educativa de modo consciente, intencional, sistemático para finalidades sociais e políticas, formulando e desenvolvendo condições metodológicas e organizativas para viabilizar a atividade educativa (LIBÂNEO, 2013). Portanto, o que defini algo como pedagógico é:

A direção de sentido, o rumo que se dá às práticas educativas. É, pois, o caráter pedagógico que faz distinguir os processos educativos que se manifestam em situações sociais e concretas, uma vez que a análise pedagógica que explicita a orientação do sentido (direção) da atividade educativa. (LIBÂNEO, 2013, p.142)

Ou seja, a pedagogia ocupa-se da educação intencional, já que existe sempre uma intencionalidade educativa em suas ações, implicando em escolhas, valores e compromissos éticos para com o seu cliente e a sociedade como um todo. Ela investiga fatores que contribuem para a construção do ser humano como membro de uma sociedade, os processos e os meios dessa formação. Relacionando ao trabalho docente tem-se que o mesmo é um ato pedagógico porque é uma atividade intencional, que implica em seguir caminhos e metas. (LIBÂNEO, 2013)

Portanto, segundo Houaiss (2009) o termo "pedagógico" é um adjetivo que significa uma ação ou algo relativo ou próprio da pedagogia, ou que esteja de acordo com a mesma. Nessa mesma perspectiva, conforme Libâneo (2013), na sociedade existem diferentes práticas educativas, e em todas elas, desde que se configurem como intencionais, está presente a ação pedagógica.

Machado (2005) propõe que duas simples questões poderiam auxiliar a identificar quais atividades propostas podem ser consideradas como práticas pedagógicas. A primeira é voltada ao pedagogo e aborda se: o que está sendo proposto como atividade vai auxiliar na formação, capacitação, planejamento ou organização do estudante, indivíduo ou instituição na qual está inserido. E ao indivíduo/instituição deve ser perguntado: O que você está aprendendo ou incorporando como melhorias que esteja promovendo o desenvolvimento de suas atividades, relacionamentos ou resultados? A partir desse ponto se torna possível

concluir que: definir quais atividades podem ser consideradas práticas pedagógicas não é o mais importante, mas sim o quanto o “cliente” – indivíduo ou instituição – está disposto a tomar consciência e criar atitudes a respeito do que lhe proporcionará a construção de conhecimentos, de melhorias ou da obtenção de benefícios e alcance de metas.

Segundo Matos e Mugiatti (2008), a prática pedagógica nos espaços não escolares deve ser pensada e elaborada para atender as necessidades do indivíduo, acreditando nas suas potencialidades. A prática pedagógica deve superar as barreiras impostas pela educação tradicional dotada de uma visão restrita sobre o ato de ensinar e seus conteúdos. Desta forma entende-se que a visão do profissional em pedagogia deve ser e estar atenta às mudanças e movimentos ao seu redor, buscando pensar sobre suas práticas, reforçando suas potencialidades para que consiga desenvolver um planejamento, trazendo situações enriquecedoras àqueles que orienta.

Existem na sociedade diferentes práticas educativas, para as quais não é necessária a existência de um espaço específico. Basta que se configurem como intencionais para efetivar a presença e o desenvolvimento de ações pedagógicas, e que contribuam de forma construtiva para a formação do ser humano como membro de uma sociedade (LIBÂNEO, 2013).

Segundo Vasconcelos e Brito (2010, pp. 156-157), Paulo Freire definiu a prática educativa como aquela que: “Envolve a capacidade do educador de somar conhecimento, afetividade, criticidade, respeito, ação e, em conjunto com seu educando, concorrer para a transformação do mundo”. É uma troca de habilidades, conhecimentos entre educador e educando, para que juntos consigam alcançar seus objetivos.

Então, a partir das leituras realizadas para este capítulo pude compreender que ações pedagógicas podem se caracterizar como práticas educativas intencionais, já que toda atividade pedagógica constitui uma prática educativa de forma abrangente e formativa podendo acontecer em qualquer espaço e não

somente nos espaços escolares, desde que ocorra de maneira intencional. Impondo assim, desafios e exigências para a sociedade, envolvendo as finalidades educativas, especificidades institucionais dependendo de onde se atuará, como por exemplo as unidades hospitalares, e também segundo o perfil da clientela a ser atendida (LIBÂNEO, 2013).

Antes de iniciar o desenvolvimento do processo de planejamento, Freire (2012) aconselha que este, a fim de obter sucesso, seja fundamentado no regionalismo local, ou seja, nas características apresentadas pela região onde serão implantadas as ações educativas. Outro aspecto a ser considerado se fundamenta na convicção de Freire de que a educação local não se muda por decreto e tão quanto menos pode ser transformada de imediato pela chegada de agentes educativos com suas ideias. Para ele, o bom planejamento vem precedido de uma fase de debates, de troca de idéias e experiências sobre a realidade local. Portanto, para que haja mudanças significativas, a participação de todos e o acolhimento de suas reflexões e contribuições de forma respeitosa é a forma de fazer com que a implementação das ações seja efetiva.

Freire (2012) coloca que o planejamento educativo possui alguns atributos básicos como o protagonismo da dimensão local na construção de soluções, pela diversidade e pluralidade de propostas de reorganização e de distribuição territorial, pelo significativo volume financeiro. Já para Gandin (2012, texto digital), o planejamento possui quatro funções distintas: "a) esclarecer as ideias, firmar as opções; b) compreender melhor a realidade; c) organizar os processos de prática; d) estabelecer a coerência entre as ideias, os processos e os resultados".

Gandin (2011) explica que o planejamento é uma ferramenta de organização de idéias e ações a serem tomadas, e também uma ferramenta que auxilia na tomada de decisão. Esta não deve ser confundida com uma ferramenta de execução de alguma tarefa como é caso de instrumentos como o computador, o lápis, o papel e a caneta. O planejamento permite o estabelecimento de um caminho a ser seguido de forma que as ações estejam sempre alinhadas para o alcance dos objetivos, e não se dispersem gerando desorganização durante a execução das tarefas.

Consequentemente o planejamento é essencial para a avaliação dos resultados obtidos por permitir que se organizem indicadores dos mesmos.

2.3 Educação formal, não formal e informal

Para a compreensão desses conceitos, às vezes, tão próximos que apenas uma tênue linha os mantém separados, é conveniente ao estudo que seja feita, inicialmente, uma distinção genérica entre os mesmos. Enquanto que a educação formal, de um lado, realiza a transferência dos conhecimentos por meio da comunicação, a educação informal, no outro lado, ocorre quando o indivíduo passa a adquirir conhecimentos por meio de experimentações (experiência), explorações, estudos por sua própria motivação ou interesse (GOHN, 2001; GOHN, 2010).

Os termos não formal e informal são matéria base da idéia difundida por Brandão (2017, p.17), para o qual a educação não é composta apenas pelas tradicionais práticas de ensino desenvolvidas nas escolas, mas que: “abrange todos os processos de formação dos indivíduos, de modo que, toda troca de saberes se constitui como uma prática educativa e pode se desenvolver nos mais variados ambientes sociais”.

Gohn (2006) complementa a concepção de Brandão (2017) afirmando que a educação não deve estar trancafiada entre muros, funcionando como em um sistema feudal, onde os professores são os detentores do conhecimento. Mas sim, deve promover a construção da inclusão social, ou seja, uma estrutura articulável que favoreça o acesso a todos os aspectos da cidadania, como; ao conhecimento, às técnicas, às práticas e experiências, ao respeito e a tolerância, entre muitos.

Segundo Pereira e Burity (2011) e Libâneo (2013), a educação formal é a educação tradicional e institucionalizada, que ocorre dentro de escolas públicas e privadas, nas instituições de educação básica, ensino superior e técnico e em cursos de aperfeiçoamento e treinamento oferecidos pelas mesmas. As aulas, para construir os conhecimentos para os alunos (que, na maioria dos casos são apenas receptores) podem ocorrer tanto dentro como fora da estrutura escolar na forma de

saídas à campo, estágios, visitas e as mais variadas formas atividades educativas fora do espaço da sala de aula. Mas a base para o desenvolvimento desse tipo de educação ocorre dentro de uma estrutura chamada sala de aula, ou laboratório, e se utiliza primeiramente da comunicação por meio de um emissor denominado professor, além de livros didáticos, quadro negro, cadernos e folhas.

Esse tipo de educação se denomina como formal por ter sido instituída e ser controlada pelo governo como a forma de educação padrão. Ela é padrão primeiramente em função de sua obrigatoriedade (dos 4 aos 17 anos), e por fornecer ao aluno um currículo de estudos ao longo da vida, que é socialmente aceito pelas mais variadas organizações e pessoas para as contratações e acordos profissionais. Ou seja, este tipo de educação representa um padrão de formação universalmente aceito pela sociedade (GOHN, 2001).

Gohn (2001) complementa esse conceito explicando que a educação formal busca transferir o conhecimento que o professor tem, ou que deveria ter, para o aluno, com o uso de livros e diversos materiais de apoio. Durante um determinado período de tempo (uma hora ou mais) o professor se comunica com os alunos por meio da fala, escrevendo no quadro negro, ou projetando imagens em uma tela, e os alunos escrevem, ou anotam aquilo que lhes é transmitido. E para que essas mensagens sejam aprendidas pelos alunos é que na educação formal existe a principal atividade de apoio extra classe: a lição de casa, para que o aluno exercite, adquirindo experiência e fixando em sua memória aquele material.

A educação informal, segundo Freire (2016), Libâneo (2013) e Trilla (2006), é construída por fatores espontâneos, na qual o processo de socialização do indivíduo é realizado com a família, parentes, amigos, meios de comunicação, pela mídia, no bairro em que reside, etc. Gohn (2001) explica que a educação informal está relacionada com a transmissão da cultura, dos hábitos, tradições e os valores estabelecidos historicamente. O conhecimento é repassado ao indivíduo pelos grupos sociais com os quais a pessoa se relaciona (família, igreja, amigos, clubes,

associações, grupos de interesses, etc.) E por sua vez, meio dessas interações, o indivíduo o repassa esses conhecimentos para outras pessoas.

Por consequência, este é um tipo de educação não obrigatória, não institucionalizada, que está relacionada à transmissão da cultura, valores e hábitos de forma não intencional e não ligado às organizações (PARK; FERNANDES; CARNICEL, 2009; GOHN, 2010). A partir do já exposto passo então a dissertar sobre a educação não formal, alvo maior deste estudo.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer (FREIRE, 1977, p. 48).

É por meio das palavras de Paulo Freire que se entende a existência da educação não formal, como a que vem de encontro daquelas demandas e necessidades não atendidas pelas formas de educação tradicional.

Gohn (2006) explica que a educação não formal é uma ação intencional, com objetivos determinados, que busca a transmissão de conhecimento, a formação de indivíduos, assim como o aprimoramento das qualidades dos participantes ou do grupo participante, ocorrendo em espaços não escolares. Este tipo de educação é desenvolvida nos mais diversos setores da sociedade, economia e política (movimentos sociais, organizações, empresas, grupos de interesse, governo, organizações não governamentais, entre muitos). Segundo Gohn (2006) a educação não formal atua com a intenção de buscar resultados como:

Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; A construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo; Contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade;
Forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacitado para entrar no mercado de trabalho); Quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio [...] Os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca (GOHN, 2006, p. 30-31).

Freire (2016) explica que a educação não formal possui uma forma própria de organização e se associa com conteúdos de aprendizado de outra maneira a que a escola o faz, pois as relações pessoais e a transmissão do saber, por se encontrarem ligados à prática, transcorrem diferentemente do meio formal e escolar.

Em seu conceito, Libâneo (2013) estabelece que a diferença básica da educação não formal está no fato desta centrar-se nas organizações, sejam elas políticas, profissionais (indústria, comércio, extrativismo, agricultura), científicas, culturais, escritórios e movimentos para grupos sociais, organizações não governamentais, etc., desenvolvendo atividades de forma intencional. Nas últimas décadas a educação não formal apresentou um crescimento significativo no Brasil, principalmente por meio de obras sociais, organizações não governamentais e instituições religiosas, em função da realidade social de crianças e adolescentes de famílias de baixa renda, que vivem em regiões afastadas e desassistidas pelo estado ou nos grandes bolsões de pobreza compostos pelos bairros pobres de grandes periferias. Dessa forma outra característica da educação não formal em relação aos jovens alunos é que ela ocorre no período inverso ao da educação formal nas escolas.

É possível aprofundar o entendimento de outra característica fundamental da educação não formal que, segundo Gohn (2006), é o fato desta surgir a partir das necessidades de um determinado grupo, naquele local e naquele momento, como por exemplo um treinamento em uma empresa, um problema de alguma comunidade, etc.

Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizados os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas (GOHN, 2006, p. 31-32).

Trilla (2006) explica que parte do crescimento da educação não formal se deve à questão de restrição de vagas no mercado de trabalho nas escolas formais, onde o excedente de educadores migrara para entidades como ONGs, associações

e centros comunitários, empresas, instituições de saúde, para o terceiro setor em geral como necessidade ou opção profissional. No entanto, Gohn (2006) estabelece uma crítica sobre o pouco conhecimento por parte dos professores das escolas e instituições superiores em relação ao significado e funções que a educação não formal assume, deixando de explorá-la e difundi-la no meio escolar e social. Para Gohn (2006), é adequada a expressão “pouca compreensão” acerca do significado deste tipo de educação entre os professores, não apenas como a falta de informações acerca desta, mas também em um sentido de intencionalidade, de um baixo interesse.

Historicamente o conceito de educação não formal surgiu na década de sessenta, baseado nos princípios da educação popular proposta por Paulo Freire por meio de projetos com currículos alternativos, voltados às classes populares e ao desenvolvimento de uma autonomia econômica e social das famílias (TRILLA, 2006; GOMES; SILVA; SILVA, 2012). A educação popular proposta por Freire (2016) visa uma cidadania plena de forma a conscientizar e integrar as pessoas na construção da sociedade. Freire buscava contribuir com a formação de um cidadão capaz de perceber o que lhe ocorre, refletir sobre isso e agir de forma construtiva sobre o seu meio, ou seja, uma pessoa consciente e interativa com a realidade que a cerca. Esta concepção buscou e busca romper com os currículos tradicionais que não consideram a cultura e o modo de vida das classes populares, os conhecimentos e saberes do mundo.

Segundo Trilla (2006) e Souza (2008), a educação não formal passou a ser pensada no momento em que os diferentes setores da sociedade como a agricultura, as indústrias, as empresas, a igreja, a saúde, a assistência social, a cultura, e a própria pedagogia perceberam que a família e a escola não conseguiam mais atender às demandas sociais, econômicas e políticas que emergiam a partir daquele momento histórico.

Com isso foram se desenvolvendo e consolidando práticas educativas por meio de ações pedagógicas alternativas que não seguiam os princípios e normas formais da escola que, no entanto, eram tão ou até mais educativas dependendo do

meio em que se realizavam. Esta ideia de mudança está expressa nas palavras de Paulo Freire:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 2016, p. 50).

Souza (2008) explica que as ações em educação não formal ao longo dos anos somadas às transformações das relações sociais na família, no trabalho, no lazer possibilitaram uma contínua reformulação das formas e meios de educação nas escolas possibilitando ganhos pedagógicos e principalmente na sociedade como um todo. E ao agente dessas ações fora do mundo escolar é denominado de educador social, ou seja, o profissional envolvido com projetos e ações em organizações e instituições. Esse educador não é apenas um profissional da pedagogia, mas também estagiários, um número considerável de voluntários, profissionais liberais dos mais diversos ramos, entre muitos.

No próximo capítulo serão abordados os procedimentos metodológicos do estudo.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

A importância que vem sendo atribuída ao desenvolvimento de ações pedagógicas com crianças e adolescentes por grupos voluntários motivou-me como pesquisadora, sobre o processo de planejamento, acompanhamento e observações dos integrantes, que supponho promover ações pedagógicas durante suas práticas.

Para o desenvolvimento deste estudo, que visa analisar em que medidas práticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares, a pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento de um grupo de voluntários denominado Doutores P - Multiplicadores da Alegria¹, que realizam ações motivadoras e educativas dentro de instituição hospitalar. Após o contato inicial com a idealizadora do grupo, que assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), autorizando a realização da pesquisa junto ao mesmo, esta explicou que este se constituiu através de um trabalho originalmente solicitado pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) do hospital onde realizam suas ações.

Este estudo de campo necessitou ser de uma natureza qualitativa. Segundo Negrine (2010), a base de investigação qualitativa se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. A pesquisa qualitativa responde à questões muito particulares. Ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e isso se refere a um espaço mais profundo

¹ O grupo autorizou a divulgação de seu nome neste estudo.

das relações, dos processos e dos fenômenos, sendo que estes não podem ser quantificados (MINAYO, 2010).

O entendimento sobre a natureza da pesquisa qualitativa pode ser mais bem compreendido quando comparado à pesquisa quantitativa que, segundo Brenner e Jesus (2008), normalmente apresenta os dados recolhidos através de gráficos e tabelas de forma a facilitar a comparação e a análise, sucinta e ordenada e com características estatísticas básicas.

Para alcançar os objetivos específicos propostos no projeto e tentar, portando, responder o problema desse estudo, a pesquisa realizada necessitou, basear-se em uma exploração de campo, ou seja, precisarei sair do ambiente acadêmico, onde já coletei os dados iniciais, para o ambiente externo a fim de coletar novos dados oriundos das observações das práticas adotadas pelo grupo teatral.

Portanto, no momento em que a pesquisa de campo se iniciar os dados iniciais, oriundos de fontes como livros, periódicos (jornais e revistas), censos, estatísticas, artigos e bancos de dados impressos ou digitais como a internet, já estarão coletados (MATTAR, 2016). Os novos dados, a serem coletados por meio de entrevistas ou grupos de discussão, observação e imagens fotográficas, serão obtidos junto aos componentes do grupo Doutores P - Multiplicadores da Alegria.

Marconi e Lakatos (2008) descrevem que ciências como a Pedagogia, Ciência Política, História, Sociologia, entre outras se utilizam com grande frequência da pesquisa de campo. Por meio dela busca-se um aprofundamento e melhor compreensão por diferentes ângulos das diversas características e comportamentos que compõe os indivíduos, seus grupos e comunidades, e a realidade da sociedade com suas diferentes instituições.

Dentre o rol dos tipos de pesquisa existentes a que mais se aproxima com esta investigação é o estudo de caso. O estudo de caso, para Molina (2010), pode ser definido como um processo que tenta descrever e analisar algo ou um fenômeno em termos complexos e compreensivos, desvendando suas características e levantando dados relevantes. De acordo com Yin “A estratégia de estudo de caso

pode ser utilizada para *explorar* aquelas situações nas quais a intervenção que está sendo avaliada não apresenta um conjunto simples e claro de resultados” (2003, p.62).

Como busquei compreender o meu problema de pesquisa, suprimindo minhas dúvidas e anseios, o estudo de caso se tornou muito adequado à pesquisa, já que permitiu uma exploração com maior profundidade do objeto de estudo em relação, por exemplo, a um questionário com perguntas e respostas de múltipla escolha e aos métodos quantitativos em geral. Nesse método de pesquisa é possível se utilizar de diversos meios para a geração de dados como entrevistas, formulários, questionários, observações dos processos, atividades e sujeitos envolvidos, recursos de multimídia como filmagem, fotografia, gravações de áudio, diários, recordatórios, ou até de equipamentos de medição específicos aos objetivos do estudo, entre outros (CRESWELL, 2010).

Para que eu pudesse obter um levantamento de dados bem sucedido, ele se desenvolveu durante o semestre 2017 B, de forma a me tornar íntima aos processos e indivíduos envolvidos, conhecendo suas características e peculiaridades, neste caso em especial, a aproximação ocorreu com o grupo Doutores P - Multiplicadores da Alegria.

A pesquisa caracterizou-se também como um estudo descritivo e exploratório. Marconi e Lakatos (2008), explicam que a pesquisa qualitativa descritiva delinea fenômenos atuais, observando, descrevendo, registrando, analisando e interpretando suas características. Para Triviños (2009), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva, por apresentar descrições dos fenômenos que estão carregados de significados, que são concedidos pelo ambiente, fruto de uma visão particular.

Assim, a escolha por este tipo de pesquisa inspirada no estudo de caso fundamenta-se em suas características que são as que mais se enquadram nos objetivos do estudo.

3.1 Etapas para a geração de dados

Os meios utilizados para a geração de dados deste estudo foram: realização de observações e entrevistas semi-estruturadas, análise fotográfica e grupo focal. Primeiramente entrei em contato com o grupo “Doutores P - Multiplicadores da Alegria” explicando o projeto e solicitando a parceria deles na realização da pesquisa.

Uma das ferramentas utilizadas no projeto foi a fotografia. Solicitei para que cada integrante do grupo tirasse uma foto do que eles acreditam serem ações pedagógicas durante as suas práticas. Essas foram registradas com seus aparelhos celulares. Não foram fotografados pacientes internados, por uma perspectiva ética, para evitar a identificação do hospital e dos pacientes envolvidos. A fotografia, uma tecnologia de fácil acesso nos dias atuais, possui uma grande importância em estudos de caso, pois permite a realização de amplos registros dos acontecimentos, revelando em detalhes o ambiente de estudo. Tal fato não seria possível, ou se tornaria um aspecto dificultador, caso apenas se utilizasse a escrita com simples anotações de dados. Todos os integrantes do grupo autorizaram o uso de sua imagem pessoal no presente estudo mediante a assinatura do TCLE (APÊNDICE A). As outras pessoas que apareceram nas fotografias tiveram seus rostos distorcidos em editor de imagem (Photoshop CS5) a fim de evitar seu reconhecimento.

Outra ferramenta utilizada foi o grupo focal, que veio ao encontro para aprimorar o meu projeto. Segundo Gondim (2003) grupos focais representam uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. O grupo focal é um grupo pequeno onde as pessoas estão reunidas com o objetivo de tratar ou debater um determinado tema. Para que essa técnica seja bem sucedida deve haver uma pessoa que funcione como administradora do grupo iniciando os assuntos, coordenando os diálogos e estimulando a participação dos componentes de forma igualitária (BAUER; GASKELL, 2010). Aconteceram dois encontros de grupo focal, com duração aproximada de uma hora cada. E durante um dos encontros aproveitei para recolher

o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE A), assinado pelos voluntários do grupo.

A entrevista foi realizada com a idealizadora do grupo (ver roteiro de entrevista no Apêndice C). A técnica de entrevistas destina-se principalmente às finalidades exploratórias, sendo muito utilizada para o detalhamento de questões, como casos individuais, e a formulação mais precisa dos conceitos relacionados aos objetivos, assuntos e ao tema proposto (MINAYO, 2010). Isto propicia a obtenção de dados mais detalhados que podem esclarecer peculiaridades do objeto observado ou do grupo avaliado, o que permite a realização de comparações mais precisas dos diversos aspectos envolvidos no tema.

A observação foi um momento importante da pesquisa, pois através dela saíei algumas curiosidades em relação ao grupo de voluntários, a maneira que se portam no espaço da prática, como lidam com as pessoas, as diferentes ferramentas que utilizam para aplicar as ações, e por esse motivo aconteceram dois momentos (dias) de observação. Negrine (2010) ressalta a importância da observação como um instrumento valioso para a pesquisa qualitativa. Para ele uma observação deve ser planejada para evitar a captura/registro de dados aleatórios e sem relevância ao estudo.

Durante as observações realizei alguns registros, e por isso a utilização do diário de campo foi importante nesta etapa. Nele expressei minhas impressões sobre as ações observadas. O diário de campo serviu como material de suporte para análise e interpretação de determinadas situações, além de facilitar a descrição das observações. Permitiu selecionar pautas de observação de acordo com os objetivos pré-estabelecidos da pesquisa (MINAYO, 2010; NEGRINE, 2010).

Segundo Minayo (2014):

[...] um diário de campo é caracterizado, desta maneira: "...constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais". (MINAYO, 2014, p. 100)

O diário de campo é uma boa forma de apoio ao estudo, pois nele é possível registrar, de forma imediata, todos os fatos e acontecimentos observados no local de pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Início esta etapa do estudo lembrando Paulo Freire que certa vez escreveu: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 2016, p. 16). Freire aqui nos lembra que Educação e alegria são valores indissociáveis e que o sucesso educacional está em um ensino prazeroso, que estimule o aluno a aprender.

Para uma melhor compreensão da pesquisa realizada o capítulo será dividido em três etapas. Na parte inicial o grupo é apresentado, assim como um breve histórico da atuação de palhaços em hospitais. Em uma segunda etapa é analisada a funcionalidade do grupo, ou seja, sua forma de atuar, como realizam seu planejamento, como se organizam, como o grupo se constrói. E na etapa final é analisado o que o grupo de voluntários compreendem por ações pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares, buscando assim responder o terceiro objetivo específico desse estudo.

4.1 Os Doutores da Alegria

A atuação de palhaços como auxiliares no tratamento de enfermos remonta à época de Hipócrates na Grécia Antiga. Mas foi a partir do século XX que a técnica passou a ser documentada, com notícias em jornais, tanto na Europa como na América. E nos anos 70 deste mesmo século o Dr. "Patch" Adams com seu instituto Gesundheit, assim como nos anos 80 com a criação do The Big Apple Circus Clown

Care (BACCC) em Nova Iorque representaram um marco que fundamentou a utilização das técnicas de palhaço em hospitais, as quais incentivaram o surgimento de diversas iniciativas semelhantes pelo mundo afora (MASETTI, 2015).

No Brasil, essa iniciativa teve seu início em 1991 com a fundação do grupo Doutores da Alegria, uma organização sem fins lucrativos que busca promover a cultura e a saúde intervindo junto à crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social nos hospitais públicos e ambientes desfavoráveis. A figura do palhaço é o meio que busca transmitir alegria e manter ou até recuperar a dignidade do público convalescente (DOUTORES DA ALEGRIA, 2016).

O grupo, objeto do presente estudo, foi organizado de forma lúdica em uma cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul - BR utilizando a linguagem do palhaço como forma de comunicação em uma proposta de integração entre a saúde das pessoas (pacientes e funcionários) e o trabalho como colaborador do hospital. Essa atividade foi tão bem sucedida que foi solicitado ao grupo que continuasse, e se organizassem em forma de trabalho voluntário. A partir desse momento o grupo começou a fazer cursos para se aperfeiçoar na área.

O nome Doutores P Multiplicadores da Alegria é uma paródia ao médico, por isso Doutores, “P” de palhaço, e multiplicadores por justamente multiplicarem e transmitirem a alegria, já que as pessoas ao retornarem para suas casas e famílias levam consigo um pouco da felicidade dos Doutores. Atualmente o grupo é composto por cinco atores e dois coordenadores, caracterizando-se como um grupo de teatro.

Segundo definição encontrada no *blog* do grupo na Internet, este, através de visitas, estimula e alegria a vida de crianças, adultos e idosos hospitalizados, e se caracteriza como um grupo de teatro que iniciou seus trabalhos em 2008.

Através da arte do palhaço contribuímos de forma efetiva com a qualidade de vida destes pacientes e profissionais de saúde, contribuindo em sua recuperação clínica, desmistificando o hospital como um local apenas de dor e tristeza (DOUTORES P - MULTIPLICADORES DA ALEGRIA, 2008, texto digital).

A missão dos Doutores P- Multiplicadores da Alegria é promover experiências da alegria para os pacientes hospitalizados e seu entorno enxergando o hospital de uma forma lúdica e menos dolorida. Os hospitais já carregam por si próprios uma realidade fria, impessoal e repleta de carência de afetividade e para melhorar esse quadro é preciso oferecer aos usuários um atendimento de forma mais humanizada, proporcionando experiências lúdicas, que possibilitem a manifestação de diferentes sentimentos nas pessoas.

O grupo possui em sua formação um quadro bem diversificado contando com uma profissional de Educação Física há oito anos participando, um servidor público, há cinco anos no grupo, uma dentista, uma professora e uma servidora pública, todas há dois anos no grupo. A atuação da trupe teatral, atualmente, não se restringe apenas à hospitais, mas também realizam peças teatrais para escolas.

4.2 Doutores P Multiplicadores da Alegria - Planejamento, organização e funcionalidade

A pesquisa de campo abrangeu as seguintes etapas: uma observação no hospital no dia 26 de agosto, a realização de dois grupos focais nos dias 23 e 30 de setembro e uma observação da reunião de planejamento no dia 30 de setembro. Essa sequência foi estabelecida de forma proposital. Primeiramente um acompanhamento no hospital a fim de embasar a pesquisadora sobre os procedimentos do grupo e dessa maneira, aprimorar as questões abordadas, melhorando o rendimento do grupo focal. Já a reunião de planejamento foi a última etapa da pesquisa de campo, tanto em função da disponibilidade do grupo, quanto por ter sido uma reunião de maior importância em função da escolha do novo integrante do grupo.

4.2.1 Reunião de planejamento

A reunião foi realizada em um sábado à tarde às 17h, que é o dia da semana, o turno e o horário que permite a participação de todos em função de seus compromissos, ocorrendo em uma sala disponibilizada pela Prefeitura Municipal.

Após a reunião foi realizada a oficina para escolha dos novos integrantes do Doutores P Multiplicadores da Alegria.

Durante a reunião foi utilizada uma agenda em papel para programar os dias para atuação de cada componente. Não foi realizado nenhum registro em ata após a reunião e os assuntos comentados foram referentes aos participantes das oficinas, qual deles teria mais chances de ser escolhido, como estavam atuando, qual estava se saindo melhor em quesitos teatrais. Foi observada uma conversa para troca de ideias, sustentada pela informalidade, entre um grupo de amigos.

E para a segunda metade da reunião chegaram as participantes da oficina teatral, quatro mulheres. Estavam presentes para a avaliação quatro componentes dos Doutores P, faltando uma que chegaria mais tarde. A atividade laboral iniciou com uma confraternização e muito bate-papo. Após esse momento foi explicado que a pessoa selecionada para participar dos Doutores P receberia um email, como também no final de semana seguinte já participaria da ação no hospital, como observadora. A Figura 1 mostra o momento da maquiagem durante a oficina teatral.

Figura 1 - Bastidores da oficina teatral



Fonte: Da autora (2017).

A oficina foi ministrada pela coordenadora do grupo em conjunto com os outros integrantes dos Doutores P. Todos foram convidados a sentarem no chão e as candidatas, uma de cada vez, entraram para se apresentar aos demais colegas. Em seguida saíram novamente e dessa vez, reapareceram com o nariz vermelho. Uma música animada tocava ao fundo e a pessoa se apresentava como palhaço, fazendo coreografias e palhaçadas e também interagindo com outros integrantes do grupo conforme se observa na Figura 1. Os integrantes dos Doutores P analisavam a apresentação, dando dicas, idéias de como poderia melhorar a encenação, fazendo o participante recomeçar sua interpretação.

Descrita a observação da reunião de planejamento é possível avaliar que o grupo foca em três metas para suas ações: primeiro o de manter uma agenda de compromisso de forma a organizar seu tempo. A segunda é uma preocupação técnica com o padrão de qualidade, ou seja, averiguar se o participante domina técnicas de palhaço e qual a sua desenvoltura para atuar e improvisar frente ao público. E a terceira e a mais informal das metas é uma auto-avaliação, uma análise das atuações dos participantes realizada durante o bate-papo da roda de amigos.

Portanto é inegável que há uma situação de planejamento, mesmo sendo um planejamento básico como o melhor dia, horário e local para as reuniões, pois segundo Kenski (2005), o ato de planejar ocorre em cada momento do cotidiano. Desde o momento em que levantam as pessoas são obrigadas a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer as suas atividades. E isto significa desde o que comer no café da manhã ou por onde atravessar a rua até deliberar sobre as coisas mais complexas.

No entanto, todos os requisitos necessários ao planejamento de ações educacionais (conhecimento formal, metodologia de aplicação, avaliação de resultados) não foram observados, não sendo, portanto atendidos. Segundo Padilha (2008) o planejamento irá materializar o conhecimento (o saber) em ações (o saber fazer). E a mesma ideia é descrita por Libâneo (2013), para o qual o planejamento é um processo de sistematização e organização, que sob o ponto de vista pedagógico irá articular os conteúdos teóricos com a atividade prática na escola ou em outro ambiente educacional. E mesmo existindo uma preocupação com o conhecimento e a instrução apresentada pelo integrante em técnicas teatrais e de palhaço de forma a exercer o seu papel com desenvoltura, da forma que o grupo se organiza, não há um compromisso com a transmissão de conhecimentos de forma intencional, pelo menos não os saberes sistematizados e acumulados ao longo da história. Assim sendo, não se caracterizou a preparação de ações pedagógicas de fato.

4.2.2 Observação no hospital

Foi realizada uma observação no hospital (26/08/2017), em função da coordenadora do grupo ter me informado de não haver a necessidade de outras visitas de minha parte. O motivo foi por aquele que eu iria observar ser o padrão de atuação dos atores. Também o porte da instituição permitia ao grupo abranger todos os locais em uma visita. Dessa forma, todas outras apresentações, independente de suas peculiaridades, seguiriam no mesmo estilo.

O grupo atua dentro do hospital somente nos finais de semana, se organizam em duplas e a cada final de semana uma dupla se apresenta. Vão ao hospital caracterizados de palhaço, com maquiagem, perucas, chapéus, nariz vermelho e um jaleco branco onde se lê Doutores P Multiplicadores da Alegria.

A dupla que acompanhei levava consigo um violão e uma pasta com músicas. Seu itinerário foi completo, entrar na porta da frente do hospital e dos quartos e apenas sair na dos fundos. Primeiramente passaram nos postos de enfermagem pedindo quais os quartos que poderiam visitar (FIGURA 2). Em seguida anunciaram

nos alto-falantes que as Doutorinhas P chegaram. Existe uma afinidade e cumplicidade muito grande entre as duplas.

O primeiro quarto visitado foi de um casal de idosos. Entrando no quarto perguntaram de forma teatralizada aos presentes como fazer para as pessoas rirem, conversaram com os acompanhantes, o paciente que estava internado pediu para que cantassem a música “encosta a cabecinha no meu ombro e chora”. Foi diversão total e muitas risadas, e ao saírem se despediram com um abraço e um até logo. Em outro quarto uma moça estava de aniversário (FIGURA 2) e pediu para tirar uma foto com os Doutores P que cantaram parabéns, conversaram e agradeceram por terem recebido elas.

"Um fato que chamou a atenção foi um paciente muito debilitado, conectado à vários aparelhos que mexeu a mão e os pés assim que começaram a tocar e cantar. Também pacientes internados há mais tempo pediam pelos outros participantes do grupo" (DIÁRIO DE CAMPO, 26/08/2017).

A ala pediátrica, que representa um foco de interesse para a pesquisa, possui uma sala de recreação com mesas, televisão, livros e brinquedos diversos. "Ao passarem pela ala, todas crianças foram reunidas ali, conversaram, cantaram músicas, tiraram fotos. As crianças interagem com os Doutores P, desde as mais pequenas às maiores" (DIÁRIO DE CAMPO, 26/08/2017). A Figura 2, abaixo, mostra três momentos da visita da dupla de Doutores P ao hospital.

Figura 2 - Visita da dupla do grupo Doutores P da Alegria ao hospital



Fonte: Da autora (2017).

Na figura a imagem à esquerda mostra a caracterização do grupo (violão, maquiagem, nariz vermelho, roupas coloridas e jaleco). A imagem superior à direita mostra o momento da reunião da dupla com as enfermeiras a fim de definir o itinerário da visita e a imagem inferior direita apresenta a visita ao quarto da paciente que estava de aniversário.

Durante a observação foi constatado que o trabalho é feito no improviso. Apesar do objetivo de gerar alegria nas pessoas não há uma metodologia padrão de aplicação de conhecimentos, em cada quarto é uma situação diferente. A dupla passa em todas as alas do hospital: particular, SUS, maternidade, ala psiquiátrica, UTI, pronto atendimento (PA) e ala pediátrica. A interação com a equipe médica é muito boa e tranqüila, tendo inclusive as enfermeiras pedido para tirarem fotos junto à dupla.

Descrita a observação da passagem das Doutoradas P pelo hospital, é possível avaliar que esta é uma visita com características lúdicas, ou seja, com muita animação, alegria, algumas brincadeiras, fazendo com que os pacientes esqueçam um pouco do ambiente que se encontram. Também é possível afirmar que esta se caracteriza como uma atividade social e humanizadora do ambiente hospitalar.

A promoção e a difusão da alegria no ambiente hospitalar são atividades de grande importância para a saúde física e mental dos pacientes, principalmente em se tratando de crianças e adolescentes. Essa afirmação vem ressaltar a importância do serviço prestado pelo palhaço nessas instituições, já que os efeitos da internação

hospitalar sobre o desenvolvimento infantil levantam muitas questões por parte de pesquisadores e estudiosos do tema como Mitre e Gomes (2004) e Lima (2009) e preocupação por parte dos familiares.

O processo de hospitalização, dependendo de sua duração e intensidade provoca alterações nos hábitos de sono, higiene e alimentação, e na sua rotina em casa e na escola já que a criança se encontra submetida a um meio com o qual pouco pode interagir e com poucas opções de atividades. A estrutura apresentada pelos hospitais com ambientes pouco iluminados por luzes naturais, concentração de pacientes em um único local, a monocromia da cor branca em uniformes de médicos, enfermeiras e demais profissionais, assim como na pintura dos ambientes; além da quantidade de aparelhos, macas, instrumentos e demais equipamentos; os procedimentos evasivos e dolorosos; e a própria forma técnica de se comunicar causam uma situação de retraimento e afastamento da realidade do dia a dia para a criança e o adolescente. Assim sendo, a existência de espaços lúdicos nos hospitais pode vir a ajudar na terapia desses pacientes. (MITRE; GOMES, 2004; LIMA *et al*, 2009).

Visto o que é afirmado por Mitre e Gomes (2004) e Lima (2009), se torna possível estabelecer um paralelo sobre a situação em que se encontra um jovem em baixa hospitalar e o que afirma Snyders à Camillis (2006) sobre a alegria na educação:

A maior parte das crianças em situação de fracasso são as de classe popular e elas precisam ter prazer em estudar; do contrário, desistirão, abandonarão a Escola, se puderem. Se não puderem, continuarão, mas não aprenderão muito. Quanto mais os alunos enfrentam dificuldades - de ordem física e econômica - mais a Escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo do prazer. A alegria deve ser prioridade para aqueles que sofrem mais fora da Escola. Sei que é um pouco utópico, mas de vez em quando é necessário sonhar. A grande maioria dos alunos das classes populares freqüenta a escola pública durante sua escolaridade básica, portanto, é fundamental que essa escola seja capaz de proporcionar-lhes prazer, prazer de conquistas, prazer que prepare-os para a luta (SNYDERS apud CAMILLIS, 2006, p. 164).

Assim como muitas das crianças de classes populares se encontram subtraídas em seus direitos fundamentais, de incentivos e insumos dos mais diversos, o que lhes suprime a alegria de aprender, a criança hospitalizada também

se encontra em uma situação semelhante. Longe da escola, família, amigos e em um ambiente desfavorável, e dependendo do quão duradouro e invasivo se tornou seu processo de internação, esta, por um fator descompensatório, de subtração de possibilidades e redução de resultados satisfatórios tende a perder a alegria para muitas coisas, entre elas a escola e os estudos.

Da mesma forma as ideias de Gadotti (2000), Padilha (2003) e Freire (2016) concordam entre si de que a alegria deve ser uma presença nas escolas e locais que promovam o aprendizado. Essas crianças e adolescentes se encontram em idade escolar e assim como as crianças na escola também precisam da alegria como motivadora do aprender.

Freire (2016) é afirmativo sobre a função da alegria na educação como um dos atributos indissociáveis, uma característica intrínseca quando a pedagogia é progressista e orientada pela democracia. Apenas a ciência, a técnica e a exigência rigorosa não sustentam a transmissão dos conhecimentos.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista (FREIRE, 2004, p. 120).

Claro que, cabe aqui à pesquisadora fazer um adendo ao tema em questão e lembrar que a alegria na educação, mesmo quando utilizando de ações organizadas de Doutores Palhaços, deve ser realizada com responsabilidade, com as devidas cobranças aos alunos, e não como uma ação libertina do "tudo pode", na filosofia do "*laissez-faire, laissez-passer*". Freire (2016) pensa da mesma forma:

A alegria deve fazer parte do clima ou atmosfera do espaço pedagógico, mas crianças e jovens precisam saber que estudar é um "ato sério" no qual a alegria não pode ser confundida com a "alegria fácil do não-fazer". A alegria está relacionada à esperança (ou certeza) de que se pode aprender, produzir e resistir aos obstáculos. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigidez. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 2004, p. 142).

Para investigar o nexo causal entre a pedagogia e o grupo teatral é importante observar o que Freire (2016) disse sobre o ensinar não ser apenas o ato de transferir conhecimentos e conteúdo, mas sim a ação pela qual se dá forma à personalidade do indivíduo, não existindo uma forma nem um único modelo de educação. Isso porque a Pedagogia e a educação não são existências restritas aos muros escolares, mas exercem uma responsabilidade social para com a criança em processo de internação impossibilitada de participar das aulas na escola. Sobre essa responsabilidade lembra Oliveira (2009, p. 10.614) que: “Cada pessoa, enquanto cidadão deve ser vista como sujeito único, com personalidade, modo de ver, sentir e com potencialidades [...]”.

4.2.3 Análise dos grupos focais

Foram realizados dois grupos focais. Para que a atividade alcançasse o objetivo de averiguar a presença dos pré-requisitos necessários à ação pedagógica. Tanto as perguntas programadas, como as que surgiram de forma espontânea durante a atividade puderam ser organizadas em dois planos. Em um plano principal, de profundidade, direcionadas no sentido dos conhecimentos adquiridos, da intencionalidade educativa e do planejamento. E em um plano secundário, a fim de não tornar a atividade maçante e repetitiva, estimulando a participação dos integrantes, foram inseridos, entre as perguntas de interesse da pesquisa, questionamentos mais desamarrados à temática central. É possível citar o retorno - sorrisos, alegria e agradecimentos - que o grupo recebe das pessoas, o sentimento de cada integrante em realizar o trabalho, o desgaste provocado por apresentações que duram em média três horas, se o grupo pode emitir um certificado a quem queira participar das oficinas de teatro e sobre haver planejamento para as oficinas realizadas e como este é feito.

A fim de garantir os preceitos éticos do sigilo dos participantes do estudo os nomes dos integrantes do grupo passam a ser citados a partir de agora, na reprodução de suas falas, apenas com a palavra integrante adicionada à letra inicial de seus nomes em maiúsculo. A coordenadora do grupo passa a ser identificada como coordenadora. E para garantir a veracidade dos fatos foi mantida a linguagem

coloquial dos integrantes, de acordo com o sugerido pelo Manual de Trabalhos Acadêmicos da Univates (CHEMIN, 2015), sendo observadas as devidas pontuações dos textos transcritos, assim como a escrita de palavras pronunciadas dentro das normas gramaticais.

A primeira pergunta buscou saber se o grupo tem uma consciência de si mesmo como atividade de importância social. Foi perguntado qual é o objetivo do grupo, qual a intenção em realizar essas ações. Foram obtidas as seguintes respostas:

Coordenadora: *É levar a linguagem do palhaço pra dentro do hospital. Essa é nossa perspectiva, nosso objetivo, levar esse trabalho artístico da linguagem do palhaço de forma lúdica pra dentro do hospital.*

Integrante W: *A gente trabalha com uma subversão da realidade, então através do teatro, com esse nosso trabalho dentro do hospital, a gente reverte a realidade da pessoa que tá internada. Então a pessoa que está posta aquele quadro de dor, aquele quadro de doença, através da arte. A gente subverte isso, a gente transforma e faz a pessoa conseguir se modificar por conta própria.*

Esse objetivo, de levar a alegria para o hospital subvertendo a realidade, é encontrado como meta principal em outros grupos de palhaços como os The Dream Doctors em Jerusalém (FIGURA 3), nos quais os palhaços atuam junto à profissionais de saúde durante procedimentos em crianças (DOUTORES DA ALEGRIA, 2017).

Os palhaços se envolvem em mais de 40 procedimentos, acompanhando crianças em exames como tomografia, ressonância magnética, quimioterapia, radioterapia, fisioterapia e reabilitação; além de procedimentos dolorosos e complexos, como injeções nas articulações, terapias de queimaduras e acompanhamento de cirurgias (DOUTORES DA ALEGRIA, 2017, TEXTO DIGITAL).

Ou também o grupo Companhia do Riso - Cia. do Riso, que é composto por alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Enfermagem, Medicina, Informática Médica e Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, e que tem como objetivo de resgatar a alegria das crianças adolescentes hospitalizados, bem como dos seus familiares e da equipe de saúde, por meio de atividades, como: cantigas de roda, mágicas, improvisações, danças, dramatizações, jogos infantis e músicas, auxiliadas pelas técnicas de palhaço.

Figura 3 - The Dream Doctors atuando durante uma intervenção médica.



Fonte: Doutores da Alegria (2017)².

A segunda pergunta versou em saber se o grupo realiza o planejamento dessas ações dos finais de semana e das práticas no hospital:

Integrante W: *A gente faz reuniões assim esporádicas, praticamente todos os meses nós fazemos uma reunião, é assim.*

Coordenadora: *Não é que tem um planejamento.*

Integrante W: *São outros planejamentos, de como a gente vai agir, de como estão acontecendo as visitas, a sistemática, o que acontece, as realidades que a gente tem.*

Coordenadora: *A gente trabalha muito na questão do improviso. O nosso trabalho do teatro, ele, é a partir do não saber o que fazer, é chegar lá e trabalhar com o improviso, né. Porque não tem como tu chegar com uma coisa planejada, porque tu não sabe o destino que tu vai encontrar lá.*

Integrante W: *O nosso planejamento basicamente permeia essa lógica de formação, essa lógica de fazer o treinamento, de estudar, sobre essa linguagem, sobre a linguagem do palhaço no hospital. Então nossas reuniões de planejamento são uma troca de conhecimentos, uma troca de informações, uma troca de idéias sobre oficinas a fazer, sobre leituras, por ventura, que venhamos a fazer e esse crescimento do nosso saber, sobre essa arte.*

Tendo em vista o que foi respondido para a segunda pergunta, que o grupo não possui um planejamento rígido, do tipo retroativo e fechado, trabalhando com o

² Disponível em:

<<https://www.doutoresdaalegria.org.br/blog/palhacos-acompanham-procedimentos-medicos-em-israel> />. Acesso em: 22 out. 2017.

improviso e que a sua preocupação se relaciona com o fato do integrante ser uma pessoa hábil em técnicas de palhaço e que realize treinamentos regulares como forma de planejar sua preparação, foi realizada uma terceira pergunta: “Então o planejamento não é das ações, porque vocês trabalham no improviso, mas é um planejamento das oficinas, de cursos, mais nesse sentido assim?”

Integrante M: *Até porque a gente tem bastante, assim, eventos que a gente trabalha nas escolas, o teatro nas escolas. A gente às vezes se reúne pra ver essas datas, como vai fazer.*

Integrante A: *Pra organizar esse processo que a gente vai fazer nas escolas.*

Integrante W: *Até por que o evento nas escolas nós apresentamos uma peça. Então é algo pontual, não é no improviso, são momentos que foram vividos dentro do hospital. Mas a gente trabalha uma cena, uma cena que está escrita, mas a gente tem um leve improviso nessas cenas. Então o que a gente apresenta nas escolas é uma peça de teatro, não é a mesma linguagem especificamente que a gente utiliza no hospital. Por que no hospital a gente não entra com uma cena pronta, cada quarto é uma nova história, cada quarto quando abre a porta surge a história. Então a gente não tem como entrar com uma coisa pronta, por que a gente não sabe qual é a realidade, diferente desse trabalho que a gente propõe nas escolas ou até nas comunidades carentes. A gente vai pros interiores de Venâncio que são muito vastos levando a arte, né, levando essa cultura.*

Coordenadora: *O que agente tem é um planejamento do ano, do semestre. A gente planeja as datas, as duplas. Sábado que vem que é eu e o W, no outro sábado que é fulano e beltrano. Então a gente tem esse planejamento de estrutura, do que vai acontecer ao longo do semestre, quem vai que dia que vai.*

Para complementar a investigação do planejamento, ainda foram feitas mais duas perguntas. Primeiramente, se o planejamento dos dias e das duplas é feito uma vez por ano ou por semestre, tendo como resposta por parte da coordenadora que o mesmo é programado semestralmente. E quando indagados se possuíam algum registro desse planejamento responderam. Integrante A: “Não como ata, a gente faz a nossa agenda, bem informal, tanto que as duplas a gente, às vezes acontece que agente troca, é que todos tem uma outra vida por trás, e as vezes acontece final de semana de trocar. Mas assim nada com ata”. Integrante W: “E nessa sistemática de vida moderna, a gente manda tudo por *WhatsApp*, o que foi definido na reunião agente manda por *WhatsApp* para que todos lembrem e ta posto já, agente lida dessa forma”.

Portanto, o planejamento do grupo ocorre para algumas ações maiores e pontuais como as realizadas em escolas e a preocupação com as técnicas de *clown* (técnicas de palhaço). Da mesma forma no estudo de Guedes *et al* (2014), sobre a

palhaçoterapia, que é um projeto de extensão destinado aos estudantes de saúde da Univesridade Federal de Pernambuco, que busca a humanização no atendimento hospitalar, planejou como meio para concretizar tal objetivo, a realização de oficinas de iniciação em técnicas de *clown*. Ou seja, em todos esses projetos a questão da humanização é a razão áurea do ser desses grupos de palhaços doutores.

Nessa etapa do grupo focal, voltando a atenção ao encontro dos alunos nas escolas, sabendo que no hospital trabalham no improviso, o grupo realiza algum encontro para decidir o que vai ser apresentado nas instituições de ensino?

Integrante W: *Assim, nós já temos a peça desenhada, como ela acontece. Essa peça foi desenhada já faz algum tempo e a gente vai aprimorando ela, modificando a cena. Faz um ano que estamos com essa peça, foi no final do ano passado, e a gente vai aprimorando nossa peça. Quando a gente inicia a apresentação, isso é uma coisa que já tá desenhada. Desde a nossa entrada, já pintados, é improviso. Antes de iniciar a peça a gente fica no improviso, pois já estamos como palhaços e vamos interagindo com as pessoas. Então essa parte sim é um improviso, mas depois disso, a peça, ela é desenhada, ela tem moldes fixos e a gente dá uma leve mudada nela em cada interpretação, mas ela é fixa.*

E a peça foi montada pelo grupo. E ocorre algum tipo de modificação anual motivada pelos fatores sociais externos?

Integrante W: *Sim, e nessa lógica inspirada um pouco nos Doutores da Alegria, que tem uma roda chamada Roda Bestereológica, que é exatamente isso. Eles pegam uns recortes do que eles vivem no hospital e eles trazem para uma peça. Essas cenas, elas não tem conexão umas com as outras e a gente se inspirando nisso começamos a desenhar. Cada um propôs alguma cena, algumas numa reunião, outras surgiram na hora.*

E nesse caso, os registros que são anotados, também se restringem aos nomes de quem vai atuar naquele final de semana? Coordenadora: “Isso”. E em termos de conhecimentos de montagem, direção e roteirização, algum componente do grupo Doutores P tem formação em teatro? Integrante W: “Não, bacharelado nenhum de nós”.

A Figura 4, abaixo, mostra na imagem superior a montagem da peça teatral e na imagem inferior o grupo em ação para uma turma de estudantes, o que lembra Ghon (2001, 2010) ao abordar a educação em espaços não escolares.

Figura 4 - Grupo Doutores P atuando para estudantes.



Fonte: Da autora (2017).

Na Figura 4 é possível perceber a capacidade do grupo em produzir conceitos e estruturas de maior complexidade. Observa-se ainda com mais clareza a função exercida pelo grupo, em uma área muito importante, que é a da ludicidade.

Já no final século XVIII, época na qual o teatro e os palhaços há muito existiam, as idéias de Rousseau e Pestalozzi salientavam a importância dos jogos e das brincadeiras como instrumento de formação da criança, pois além de exercitar o corpo, os sentidos e as aptidões também preparavam para a vida em comum e para as relações sociais. Também, tais pensadores, sugeriam que o aluno não deveria

receber apenas lições verbais (comum na época) e sim, vivenciar experiências concretas (Kishimoto, 2010).

Froebel, no final do século XVIII a meados do XIX, incorporou os jogos e as brincadeiras como parte integrante da educação infantil desenvolvendo métodos lúdicos para a educação, tornando-os um importante instrumento para promover a educação para crianças. Pregava uma pedagogia de ação na qual a criança para se desenvolver não deveria apenas olhar e escutar, mas agir e produzir (SILVA, 2006).

A interação do grupo teatral com os pacientes e alunos geram resultados positivos. E isto fica evidenciado por Rizzi e Haydt (2004), para as quais a criança, ao brincar e jogar, reproduz as suas vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses; fazendo com que através do brinquedo e do jogo expresse, assimile e construa a sua realidade. Durante as brincadeiras todos os aspectos de vida da criança tornam-se temas de jogos e, sendo assim, tanto o conteúdo a ser ensinado quanto o papel do adulto, especialmente do professor devem ser cuidadosamente planejados para atender as reais necessidades da criança.

E a função do simbolismo com o qual um grupo teatral trabalha é de grande relevância. A questão do símbolo é explorada por Piaget (2009), para o qual tanto no jogo quanto na brincadeira e no brinquedo a criança é capaz de relacionar as coisas umas com as outras, e ao relacioná-las é que ela contrai o conhecimento. As atividades lúdicas implicam em ações, que por consequência geram a cooperação e estimulam a representação da realidade e dos fatos que envolvem a criança. Vigotsky (2010) também compartilhava da mesma ideia:

Brincando e jogando a criança reproduz sua vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses, por isso pode-se dizer que através do brinquedo e do jogo a criança expressa, assimila e constrói a sua realidade (Vygotsky, 2010, p. 146).

A importância do grupo teatral também se evidencia nas ideias de Pedroza (2005), que relaciona o desenvolvimento da criança com as brincadeiras:

Através da brincadeira, a criança, tem a oportunidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativas, imaginar situações e reproduzir momentos e

interações importantes de sua vida. O lúdico representa uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, soluções de problemas e o desenvolvimento do potencial criativo (PEDROZA, 2005, P. 62).

E para finalizar a questão da mensagem lúdica observada surgiu durante a realização do grupo focal uma nova pergunta que buscou estabelecer uma relação entre o trabalho no hospital com aquele realizado nas escolas. Os integrantes foram questionados se a mensagem que o grupo leva pra dentro do hospital é a mesma que leva para as escolas.

Coordenadora: *É a linguagem, é o teatro é arte que agente leva para aquele espaço como forma curativa dentro do hospital né. E quando a gente leva para as escolas é a arte que agente ta levando também pra escola de forma lúdica. Até mesmo curativa, porque as pessoas saem de lá muitas vezes renovadas, felizes, tristes, pensativas.*

Integrante W: *E a nossa lógica, é a da palhaçaria, sempre vai ser nesse embasamento da palhaçaria. A gente sempre trabalha com dinâmicas sobre palhaçaria. A gente não muda para outro tipo de arte, a gente é palhaço.*

Integrante M: *E a gente acredita nessa transformação da pessoa, aquilo que a gente apresenta a gente consiga talvez transformar essa pessoa, de mudar o pensamento. Alguma coisa a gente acredita que esta deixando para essas pessoas.*

A partir das respostas ficou claro que a mensagem passada pelo grupo é a da alegria, a linguagem da palhaçaria, que busca a desconstrução do ambiente desfavorável do hospital, ou da escola, visando uma transformação do paciente, ou até do aluno, ao modificar sua atitude de forma positiva. Segundo Matos (2009), o cerne da construção do repertório do palhaço é o resultado de sua vivência e suas experiências junto ao público. Ser palhaço é aliar um conhecimento técnico e criativo com a espontaneidade gerada pelo meio e pelo público com o qual ele interage. E ao longo de sua trajetória o artista vai acumulando um repertório ao qual vai abrindo mão no momento de interação com o público.

E nesta etapa a que chegou o grupo focal o objetivo de pesquisa passou para a investigação de fatores externos, ou seja, procurar por elementos de planejamento, controle e avaliação realizados por terceiros, a fim de ver o quanto o grupo está próximo dessa forma de sistematização e, sobretudo, o quanto se aproxima da área pedagógica. Também busquei verificar o quão promissora poderia

vir a ser essa aproximação. Então foi perguntado se o planejamento do grupo é supervisionado por alguém que não faça parte do grupo.

Integrante W: *A E é a coordenadora do grupo, mas o nosso grupo é muito dinâmico. Então todos nós temos voz, todos temos a mesma voz no grupo.*

Integrante M: *Até o J que está trabalhando em Porto Alegre no grupo de teatro, ele nos dá acessoria.*

Integrante W: *Nessa idéia de formação até sobre palhaço, existe pouca formação de palhaço no mundo, existem pouquíssimas escolas no mundo. As maiores escolas de palhaços são em Portugal e França. A linguagem do palhaço no contexto histórico ela surge nos circos, de pai para filho. Geralmente tinha no circo o pai palhaço que gera o filho palhaço. J é o que mais tem oficinas na área, cursos sobre palhaçaria. A coordenadora também tem, eu tenho, as gurias também já fizeram oficinas e a gente vai fazendo essa troca de informações. Um troca o que aprendeu com o outro e agente vai crescendo dessa forma. A formação não é tão assim excepcional pra gente, porque a gente consegue fazer essa formação não tão puxada, não chega a ser um bacharelado, mas não deixa de perder qualidade.*

Integrante A: *Como se fosse um curso, na verdade um aperfeiçoamento da pra dizer, não tem como você ser formado naquilo, mas sempre aparecem experiências de outros palhaços, oficinas com outras pessoas, que nada mais é a vivência, não tem uma receita de bolo.*

O que se observa pelas respostas é que o grupo possui um intercâmbio para troca de experiências, busca de novos conhecimentos e técnicas de atuação que irão agregar ao planejamento das peças, mas que não estão ligadas a uma supervisão de atividades. E de forma complementar foi questionado ao grupo se dentro do hospital, a equipe hospitalar supervisiona e dá dicas em relação às práticas do grupo.

Coordenadora: *Já teve um período em que eles estavam mais vivos dentro do grupo, mais participativos, mas foi mais antigamente. A gente tinha uma equipe que era composta pela L. A L até hoje em dia tem participado bastante ainda. Muito eles me perguntam também, e nós perguntamos para o pessoal “E ai como que ta?” Quando a gente precisa de alguma coisa deles também. A psicóloga do hospital se dispôs sempre, principalmente a questão da psicologia de dar um apoio. Como a gente passa por todo um processo dentro do hospital, por toda uma situação, se precisar tem esse apoio psicológico dela quanto ao nosso trabalho se a gente precisar. Então ela sempre está bem disposta se agente precisar de alguma coisa. Já participou de reuniões com a gente.*

Integrante W: *A minha seleção foi diferente, ela foi feita dentro do hospital. Eu fui selecionado dentro do hospital. Então a junta médica, todos esses parceiros que estavam ali com a gente, participaram tiveram voto também. Mas assim, na lógica que eu iria falar antes, o grupo era novo, era mais novo ainda. Como o hospital já conhece o nosso trabalho e sabe da nossa ética, o hospital atualmente não interfere mais diretamente no nosso trabalho. Eles já sabem como a gente se propõe, e que dá certo, então atualmente a gente tem uma liberdade bem grande dentro do hospital. A gente sabe o que pode e o que não pode. Até por ter esse contato mais aprofundado com o hospital no início.*

Coordenadora: *Parece que a gente criou uma maturidade. A eles cresceram, a gente confia no trabalho de vocês. Quando acontece alguma coisa. A gente esteve numa reunião do Coren que tem que cuidar tal coisa. Quanto à ética no hospital que estava acontecendo, que eles mesmo do hospital foi chamado a atenção. Tirar foto com os funcionários por exemplo. Então o Coren pediu para que não tirasse mais fotos com os funcionários do hospital, até conseguirem uma forma legal de poder acontecer isso, suspende por enquanto. Estamos trabalhando para que possa vir, porque os funcionários gostam.*

Aqui se constata uma interação mais elaborada do grupo com um profissional da área da saúde, que no caso é da psicologia, mas caso o hospital dispusesse de profissional em Pedagogia, possivelmente também seria com essa. Isso vem a suscitar que o embasamento desses dois questionamentos está tanto na Pedagogia Hospitalar quanto na relação entre Pedagogia e palhaços.

A Pedagogia Hospitalar é o resultado das novas demandas sociais, de uma sociedade que cresceu e se transformou buscando por igualdade social, por igualdade de condições que se realizam quando atendem às reais necessidades da população (MATTOS; MUGIATTI, 2007). A área de trabalho para a pedagogia, ao contrário do que pensam muitos, é muito ampla e vem crescendo de forma exponencial nos últimos anos. Entre as áreas mais promissoras para a atuação do pedagogo se encontra a área hospitalar onde o profissional tem a oportunidade de trabalhar com crianças e jovens, em idade escolar, internados e desenvolver atividades pedagógicas que acompanhem o ritmo da vida escolar, reduzindo o prejuízo de aprendizado em função da estadia no hospital (MATTOS; MUGIATTI, 2007).

E um dos aparatos utilizados pelos profissionais da Pedagogia que atuam em hospitais é a figura palhaço. No estudo de Caires e Masetti (2005) foi criado um espaço no hospital estruturado para os profissionais da saúde que por meio de oficinas sobre o trabalho do palhaço em contexto hospitalar buscaram desenvolver condutas que não foram exploradas durante a educação formal desses profissionais. Foram abordados os seguintes aspectos:

- (i) a experiência de quem aprende como o principal recurso de formação;
- (ii) o corpo e os afetos como lugares estruturantes do aprendizado e da construção de conhecimento;
- (iii) as perguntas como mais importantes do que as soluções;

- (iv) a ambiguidade, o erro e a confusão como elementos do processo de aprendizagem (CAIRES; MASETTI, 2005, p. 50).

Santos (2013) acredita que a interação com o palhaço proporciona à criança um fortalecimento de outras características que não seja apenas a aprendizagem de conteúdos, tais como, o desenvolvimento da cognitividade, do caráter, da vida social e da autonomia como cidadão ético e humanista. E essa relação com o palhaço é tão importante para a Educação que a Faculdade de Educação (FE) da USP realizou, entre os dias 21 e 23 de outubro de 2015, o 1º Encontro Circo, Arte e Educação para uma Pedagogia do Palhaço. Foram três dias de debates, oficinas, apresentações de pesquisas que reuniram atores, pedagogos e pedagogos circenses entre outros profissionais, alunos e simpatizantes (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP, 2015).

4.3 A relação do grupo voluntariado com as ações pedagógicas

Nessa etapa final é analisado se o integrante da trupe teatral possui alguma compreensão do significado das ações pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares, e o que ele entende que sejam essas ações. Esse processo investigativo se iniciou ainda no momento de desfecho do segundo grupo focal por meio de dois questionamentos. Primeiramente como o grupo se define, um grupo de teatro ou um grupo que promove ações voluntárias. Estas foram as respostas:

Coordenadora: *Um grupo de teatro que faz uma ação voluntária dentro de um hospital.*

Integrante W: *O trabalho voluntário é apenas a forma que a gente optou para levar o nosso trabalho, não é um trabalho voluntário é um trabalho de teatro, que vai muito além que um serviço voluntário, que se reúne apenas para fazer alguma coisa sem muito critério. No nosso grupo existe critério, existe estudo, existe muito embasamento.*

Coordenadora: *É teatro.*

Nas respostas os integrantes salientaram que a existência do grupo extrapola a questão do voluntariado, e estes se identificam primeiramente com o palhaço, com o prazer da atuação que aí sim, lhes dá base para o exercício de outras atividades, sejam elas nos hospitais, em escolas ou na comunidade.

E para confirmar o que foi dito, foi realizado um segundo questionamento: se o que surgiu antes foi a ação que existe dentro do hospital, que é uma ação voluntária, que foi o primeiro passo para o grupo ou o grupo de teatro. O esclarecimento foi dado pela coordenadora do grupo.

Coordenadora: *Na verdade o que surgiu primeiro, vou contar a história que eu conheço. Existiam três participantes e eles tinham um grupo de teatro que era na Casa de Cultura aqui de Venâncio Aires, do museu, aliás, do museu, e aí o hospital entrou em contato com eles para fazerem um trabalho de CIPA dentro do hospital. Só que foi um negócio que deu tão certo que o pessoal do hospital queria que eles continuassem. Aí que foi organizado todo o projeto. Era um grupo de teatro que não existe mais e dali surgiu os Doutores P, que é o grupo de teatro de hoje em dia. É uma trupe, na verdade, de palhaços que faz esse trabalho no hospital.*

Após a realização do grupo focal e como última atividade, os participantes foram convidados a escolherem, cada um, uma foto dentre as várias fotos que o grupo possui de suas atuações e interações com o público. Após lhes foi dito para levarem essa foto consigo e responderem: Por que a escolha dessa fotografia? O trabalho desenvolvido pelos Doutores P Multiplicadores da alegria é uma ação pedagógica?

As fotos se encontram no Apêndice D e a íntegra das respostas no Apêndice E. Abaixo seguem trechos do que os Doutores P responderam:

Integrante W: *Acredito que essa foto seja um exemplo de ação pedagógica por entender seu conceito teleológico enquanto ação que visa a um fim através de meios menores, ao que me proponho, o pouco que levo é capaz de subverter a realidade de quem se aproxima, mesmo face às duas figuras tão ambivalentes, o médico e o palhaço, desse encontro, há uma troca, cada um saindo dele um pouco mais completo.*

Integrante M: *Escolhi essa foto por ser o momento em que levamos o teatro para as escolas. Proporcionar momentos de cultura e junto o trabalho que realizamos dentro do hospital para as escolas do interior, nada mais é que um momento pedagógico. Espaço em que crianças do interior que não tem acesso ao teatro, possam contar com um momento de alegria e aprendizado, levado de maneira lúdica.*

Integrante R: *Escolhi essa foto, pois foi um convite da escola, nos proporcionando uma linda oportunidade de explanar sobre nosso trabalho. Uma maneira da comunidade escolar nos conhecer mais, como palhaços de hospital, e também como grupo de teatro.*

Coordenadora: *A fotografia escolhida fala do encontro com o ser lúdico que é o palhaço. É através do jogo entre palhaço e paciente que as relações se estabelecem, podendo serem encontros de olhares, sorrisos, encontros tristes e encontros felizes. Porém, sempre há uma relação estabelecida e algo sempre fica deste jogo lúdico.*

Da mesma forma como foi aqui informado, no estudo de Guimarães e Araújo (2009), os Doutores Palhaços entendem que as suas ações incitam a uma desestruturação do ambiente formal do hospital, o que desloca as interações entre todos que ali se encontram para um patamar mais leve e descontraído. Percebe-se que em ambos os estudos os Doutores Palhaços tem uma dificuldade em avaliar os efeitos de suas intervenções, assim como o de estabelecer uma planificação mais complexa de suas atividades.

Enquanto que a pedagogia se ocupa da educação intencional e do ato pedagógico que implica em planejar, seguir caminhos e metas, revendo seus resultados (LIBÂNEO, 2013), os Doutores P tem no improviso, nas suas habilidades circenses a sua linha de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo e a brincadeira é para a criança a coisa mais importante da vida.

(Jacquim, 1963, p. 7)

É com essa frase dos anos sessenta, mas tão atual, de Guy Jacquim que inicio a apresentação das ideias que esse estudo me suscitou. Aliás, ao lado dessa trupe de pessoas maravilhosas foi um estudo que me proporcionou momentos de muita alegria e até, arrisco afirmar, de um reencontro comigo mesma. O palhaço é aquele que com sua máscara derruba as máscaras da pessoa, libertando o ser escondido por trás dos padrões sociais, dos medos, das angústias e dos estereótipos. É o inusitado, o incoerente, que "senti na pele", que vivenciei com os Doutores P Multiplicadores da Alegria capaz de libertar o ser para que este possa se deslocar e ver as coisas de um modo, de um ângulo diferente. Nem sempre o jeito como fazemos as coisas, "o meu jeito", é o único jeito de se fazê-las. Por isso, me permito categoricamente afirmar que, primeiramente, em termos dos objetivos propostos é possível afirmar que os mesmos foram satisfatoriamente cumpridos. E também posso especular que uma parceria desse grupo teatral com profissionais da Pedagogia, seja no hospital, seja na escola, viria a ser algo muito promissor em termos de ações educacionais.

Motivada pelas disciplinas cursadas em aula e também por uma curiosidade natural desenvolvida ao longo de meu período como profissional atuante na área da saúde surgiu o problema central, e objetivo geral do presente estudo, que foi

compreender e analisar em que medida práticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares. Para auxiliar a responder o problema de pesquisa, decompondo a questão central, compus alguns objetivos específicos que aprofundaram os processos a serem analisados: a) investigar o que são ações pedagógicas; b) compreender as diferenças conceituais entre educação formal, não formal e informal, dando destaque ao espaço não escolar e c) investigar o que um grupo de voluntariado compreende por o que sejam ações pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares.

Para o primeiro objetivo específico as leituras de autores como Paulo Freire (1977, 2010, 2011, 2012 e 2016), Libâneo (2013), Ghiraldelli Jr. (2014) auxiliaram a compreender que uma ação para ser considerada como pedagógica deve ser guiada pela intencionalidade educativa. Deve haver um propósito de difundir, de disseminar conhecimento de forma que o receptor (criança, adolescente, adulto, idoso) assimile esse conhecimento, e da mesma forma não pode ser qualquer conhecimento, qualquer coisa, mas informações validadas como conhecimento e que tem como suporte, como guia, um planejamento e uma coordenação dessas ações. E é claro que sem uma avaliação dos resultados, sem um retorno que mostre se a direção e os caminhos tomados estão alcançando as metas traçadas a ação educacional perde seu significado pedagógico.

E para o segundo objetivo a leitura obrigatória foi Maria da Glória Gohn (2001, 2006 e 2010), que sempre esteve envolvida com o estudo dos movimentos sociais e por isso é uma entusiasta do meio não formal de educação. Mas antes é preciso saber que os tipos de educação, formal, não formal e informal, existem primeiramente em função do local, do espaço social onde ocorrem, que conferem as características próprias de cada um desses três estilos. A educação formal é aquela que ocorre basicamente no espaço escolar e outros espaços oficializados pela educação governamental, e por isso, possui currículo, protocolos e procedimentos pré estabelecidos. Já a educação informal é aquela que assimilamos no convívio com a família, com os amigos, na utilização das redes sociais, da Internet, em bibliotecas, etc. Já a educação não formal é muito promissora em função das inter-relações econômicas, sociais e políticas que vivenciamos na atualidade. É

basicamente fundamentada em três aspectos: ocorre em espaços não formais como associações e centros comunitários, cursos profissionalizantes, ONGs, e entidades da sociedade civil, etc. Ali o professor não precisa ser uma pessoa com uma formação específica para ensinar, mas é na maioria das vezes alguém que domina aquela área de conhecimento, e que tem informações e experiências para compartilhar. Apesar de possuir planejamento e objetivos o currículo da mesma forma é passível de alterações e modificações de acordo com o ambiente em que se encontra. Ele pode ser alterado com a inclusão de uma nova técnica, novos métodos de maneira muito mais ágil do que um currículo formal que depende de avaliações e autorizações de diferentes níveis hierárquicos de governos e direções.

E antes de me retratar ao terceiro objetivo específico do trabalho, que é o cerne de toda a busca realizada em campo, faço um adendo para comentar sobre algo relevante ao curso de pedagogia que observei. Para analisar os dados colhidos nas reuniões, grupos focais e observações, necessitei de leituras, principalmente de artigos que realizaram pesquisas semelhantes com grupos de palhaços doutores. E ao pesquisar comecei a perceber o quanto essa área, esse espaço educacional da sociedade em hospitais e escolas quando relacionados à figura do palhaço tende a ser promissor para a Pedagogia. Não realizei uma busca extensiva em bases de dados e nem uma contagem estatística, mas a maioria dos artigos, monografias, e dissertações encontradas eram de autoria de alunos e profissionais da área da saúde como Psicologia, Enfermagem, Medicina, Fisioterapia e Educação Física. E isso mostra o potencial a ser explorado pela Pedagogia que é quem, creio eu, mais possua as bases de conhecimento e treinamento em processos educativos em métodos e maneiras de ensinar. E este potencial não explorado é fato, pois em caso contrário não teria ocorrido em 2015 o 1º Encontro Circo, Arte e Educação para uma Pedagogia do Palhaço organizado pela Faculdade de Educação da Universidade de São paulo - USP. E que não foi uma noite ou um dia com palestrantes, mas foram três dias com debates, exposições e oficinas. Ou melhor ainda, se este não fosse um campo promissor não haveria a pedagogia hospitalar, isso sem falar em um termo novo que encontrei que foi pedagoga circense.

Agora, para responder o terceiro objetivo específico proposto foi realizada a pesquisa de campo. Após muito observá-los em ação no hospital, na escola e na reunião de planejamento, e muitos questionamentos nos grupos focais que buscaram esmiuçar a existência dos pré-requisitos que configuram a ação pedagógica se percebeu que eles pouco sabem, que possuem pouco conhecimento sobre essa construção pedagógica, mesmo porque, como salientaram várias vezes não ser esse o seu foco.

Os palhaços doutores estão mais relacionados com ações lúdicas do que propriamente com as funções pedagógicas, de uma preocupação pedagógica, de um compromisso pedagógico para com o aluno ou paciente. Por exemplo, é possível fazermos um comparativo com as pessoas que possuem conhecimentos, habilidades e experiências vividas. Elas podem repassá-las adiante por meio de um ato educativo, através da comunicação e experimentação voltada à terceiros, a outras pessoas, mas isto não significa que este seja um ato planejado, controlado, definido por um processo central, com padrões para serem reproduzidos nos mais diversos ambientes e que se preocupe em avaliar seus resultados e consequências. Em todos os projetos de palhaçoterapia pesquisados, assim como no grupo Doutores P Multiplicadores da Alegria a questão da humanização é a razão áurea do ser desses grupos de palhaços doutores, o que não deixa de ser um ato educativo. As respostas, os achados da pesquisa deixaram claro que a mensagem passada pelo grupo é a da alegria, a linguagem da palhaçaria, que busca a desconstrução do ambiente desfavorável do hospital visando uma transformação do paciente, ou até do aluno, ao modificar sua atitude de forma positiva.

E chegando ao cerne do estudo com a pergunta central que questiona em qual medida as práticas promovidas pelo grupo de voluntários Doutores P Multiplicadores da Alegria se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares, tem-se a resposta de que o grupo não atende aos requisitos para que suas ações se manifestem como ações pedagógicas. A própria reunião de planejamento já mostrava um clima e um desenrolar de atividades muito

diferenciadas de uma reunião de planejamento de aulas dentro dos requisitos da prática pedagógica.

O grupo trabalha com o improviso e o seu planejamento é a preocupação de primeiramente manter uma agenda em papel com as datas que cada dupla vai se apresentar no hospital e em segundo lugar com o fato do integrante ser uma pessoa hábil em técnicas de palhaço, que realize treinamentos e oficinas regulares como forma de planejar sua preparação. Portanto, o planejamento não é das ações, já que trabalham no improviso, mas é um planejamento das oficinas, de cursos, e outros nesse sentido.

Os doutores podem não agir diretamente como uma ação educativa, mas são componentes desta. O trabalho de palhaço já é estudado e aplicado pelos profissionais em instituições de saúde e escolas. A alegria que o palhaço transmite compõe um subsídio educacional, principalmente em se tratando de Pedagogia Hospitalar. Assim como Snyders, Freire, Padilha e Gadotti disseram que a alegria no ambiente escolar é um dos pilares do aprendizado também o palhaço pode ser considerado como um promotor indireto da educação, pois dissemina alegria para as crianças, seja no hospital, na escola, ou nos ambientes não formais do cotidiano.

Como os integrantes do grupo fazem isso porque gostam e porque se sentem recompensados, isto representa uma possibilidade para ações pedagógicas apoiadas por profissionais da pedagogia. Foi observado que o grupo possui muito a oferecer e que seus integrantes detêm potencialidades a serem exploradas. A realização de parcerias com ONGs que possuem apoio financeiro sucinta a realização de atividades mais elaboradas e com a incorporação de objetivos pedagógicos, como por exemplo, assuntos atuais como a educação para o trânsito, a preservação ambiental, o respeito aos direitos humanos, entre muitos.

REFERÊNCIAS

BALDAN, Merilin; ARCE, Alessandra. A representação da Pedagogia tradicional e da escola nova segundo a propaganda e a produção teórica dos personagens do movimento renovador brasileiro - um estudo da coleção “escola nova brasileira” de José Scaramelli (1931). In: Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: "História, Sociedade e Educação no Brasil". 30 jun. a 03 jul. 2009. **Anais ...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2009. 25p.

Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/p3zX2YD.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som** - um manual prático. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 516p.

BOLFER, Maura M. M. de O. Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários. 238f. **Tese Doutorado**.

Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba (SP), 2008. Disponível em:

<<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNBBS.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

BRANDÃO, Carlos da F. **Estrutura e funcionamento do ensino**. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2017. 112p.

BRENNER, Eliana de M.; JESUS, Dalena M. N. de. **Manual de planejamento e apresentação de trabalhos acadêmicos**: projeto de pesquisa, monografia e artigo. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 66p.

CADINHA, Márcia A. Conceituando Pedagogia e contextualizando Pedagogia Empresarial. In: LOPES, Izolda.; TRINDADE, Ana B. **Pedagogia Empresarial**: formas e contextos de atuação. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007, p. 13-36. 126p.

CAIRES, Susana; MASETTI, Morgana. Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para a humanização pediátrica. **Revista de Ciências da Educação**, America (SP), v. 17, no 33 p. 39-57 jul./dez. 2015.

Disponível em:

<http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/433/pdf_1>. Acesso em: 28 out. 2017.

CAMILLIS, Lourdes S. de. Entrevista com Georges Snyders. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 8, n. 13, pp. 159-64, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/2069/1778>>. Acesso em 15 out. 2017.

CARO, Sueli M. P.; GUZZO, Raquel S. L. **Educação social e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. 106p.

COTEMAR, Instituto. Quatro áreas de atuação da Pedagogia além da escola. [Texto digital]. **Blog**, Itaúna (MG), 26, jan. 2007. Disponível em: <<http://blog.institutocotemar.com.br/4-areas-de-atuacao-da-pedagogia-alem-da-escola/>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

CHEMIN, Beatriz F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: Planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: Univates. 2012. 317 p.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). **Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 15 mai. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2010. 248p.

DOUTORES DA ALEGRIA. 25 anos de atuação no Brasil. **Sobre os Doutores**. [Texto digital]. 2016. Disponível em: <<https://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

DOUTORES DA ALEGRIA. Palhaços acompanham procedimentos médicos em Israel. **Blog**. [Texto digital]. 31 out. 2017. Disponível em: <<https://www.doutoresdaalegria.org.br/blog/palhacos-acompanham-procedimentos-medicos-em-israel/>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

DOUTORES P - MULTIPLICADORES DA ALEGRIA. **Blog**. [Texto digital], 5, ago. 2008. Disponível em: <<http://doutoresp.blogspot.com.br/2008/>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP. I Encontro Circo, Arte e Educação para uma Pedagogia do Palhaço. | 21/10/2015 - 23/10/2015. **Eventos**. [Texto digital], 2015. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/eventos/detalhado.asp?num=2445>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

FACULDADES FIO. Normatização de trabalhos acadêmicos. **Cronograma**. [Texto digital]. Ourinhos (SP), 2017. online. Disponível em: <http://fio.edu.br/manualtcc/co/8_Cronograma.html>. Acesso em: 14 jun. 2017.

FERREIRA, Aurélio B de H. **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010, 856p.

FONTANA, Roseli A. C.; CRUZ, Maria N. da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Atual, 2004. 232p.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: teoria e prática da libertação**. Textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. 1. ed. São Paulo: Nova Crítica, 1977. 160p.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina - Reflexões sobre minha vida e minha práxis. Paz e Terra: São Paulo, 2012. 416p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 190p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. 144p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 280p.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. 19. ed. Loyola: São Paulo, 2011. 112p.

_____. Danilo. Planejamento na sala de aula: visão técnica. [Texto digital]. Danilo Gandin, Educação Planejamento, 28 jul. 2012. Disponível em: <<http://danilogandin.com.br/planejamento-na-sala-de-aula-visao-tecnica/>>. Acesso em: 13 set 2017

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é Pedagogia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2014. 104p.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GOHN, Maria da G. M. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 120p.

GOHN, Maria da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro,

v.14, n.50, pp. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

GOHN, Maria da G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 104 p.

GOMES, Marineide P; SILVA, Yanatasha F. F. da; SILVA, André F. da. Educação não-formal: diálogos com a educação popular em freire – O caso do grupo de leigos católicos igreja nova. [Texto digital]. **Arquivos de Graduação em Pedagogia**, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 23p., jan. 2009. Disponível em:
<https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/educacao%20no-formal%20-%20dilogos%20com%20a%20educacao%20popular%20em%20fre.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2017.

GONDIM, Sônia M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paideia**, Ribeirão Preto (MG), v. 12, n. 24, pp. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

GUEDES, Amanda K. C. *et al.* A Iniciação em Técnicas de Clown (Palhaço) como Dispositivo de Encontro Consigo e com o Outro. **Blucher Medical Proceedings**, São Paulo: Editora Blucher, n.2, v.1, 2014. Disponível em:
<<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/medicalproceedings/cihhs/10522.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

HOLTZ, Maria L. M. **Lições de pedagogia empresarial**. 1. ed. rev. Sorocaba (SP): MH Assessoria Empresarial Ltda., 2006. 160p. [ebook].

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0**. 3. ed. São Paulo: Objetiva, jun. 2009. 1 CD-ROM.

KENSKI, Vani M. Avaliação da aprendizagem. In: VEIGA, Ilma P de A. (Org.). **Repensando a Didática**. 22. ed. Campinas: Papirus, 2005. 160p.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 2010. 62p.

LIBÂNEO, José C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 288p.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 206p.

LIMA, Regina A. G. de *et al.* A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. **Rev Esc Enferm**, São Paulo, USP, v. 43, n. 1, pp. 186-93, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/24.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

MACHADO, Virgínia. Definições de prática pedagógica e a didática sistêmica: considerações em espiral. **Rev. Didática Sistêmica**, Rio Grande-RS, v. 1, pp.

126-134, out./dez. 2005. Disponível em:
<<https://www.seer.furg.br/revistas/article/view/1192>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 768p.

MARCONI, Marina. D. A.; LAKATOS, Eva. M. **Técnicas de pesquisa** : planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 296p.

MASETTI, Morgana. **Ética da Alegria No Contexto Hospitalar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra E Imagem, 2015. 128p.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing** - Metodologia, Planejamento, Execução e Análise. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier - Campus, 2014. 482p.

MATOS, Débora de. A formação do palhaço : técnica e pedagogia no trabalho de Ângela de Castro, Esio Magalhães e Fernando Cavarozzi. 182f. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Teatro, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis (SC), 2009. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br/bitstream/handle/1339/1/debora.pdf> >. Acesso em: 02 nov. 2017.

MATTOS, Elizete L. M.; MUGIATTI, Margarida M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 182p.

MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010. 96p.

MINAYO, Maria C. de S. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014. 408p.

MITRE, Rosa M. de A.; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil enquanto ação de saúde. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 147-54. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19832.pdf>>. Acesso em 14 out. 2017.

MOLINA, Raquel. M. K.. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto S. (Org). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. 176p.

MONARCHA, Carlos. História da Educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. **Rev. História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 21, p. 51-77, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29391/pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto S. (Org). **A pesquisa qualitativa na**

educação física: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. 176p.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: _____ (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 4. ed. Lisboa: Porto Editora, 2014. 216p.

MATTOS, Elizete L. M.; MUGIATTI, Margarida M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar:** A humanização integrando educação e saúde. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 182p.

NUNES, Célia M. F. Saberes Docentes e formação de professores: um breve panorama de pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas (SP), v. 22, n. 74, pp. 27-42, abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a03v2274.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

OLIVEIRA, Márcia A. de. Escola: diversidade cultural, espaço de reflexão e mediação de conflitos inerentes ao ser humano. In: Anais do IX EDUCERE – Congresso Nacional de Educação: "Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem". 26 a 29 out. 2009. **Anais ...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, 2009. 12p. Disponível em: <http://www.pitangui.uepg.br/nep/artigos/M%C3%A1rcia.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.

ONGSBRASIL. **ONGs de Formação Continuada de Educadores**. [Texto digital]. 2017. Disponível em: <http://www.ongsbrasil.com.br/default.asp?Pag=11&TipoPesquisa=Atividade&PalavraChave=29>. Acesso em: 14 jun. 2017.

PADILHA, Paulo R. Uma escola mais bela, alegre e prazerosa. In: GADOTTI, Moacir; GOMEZ, Margarita; FREIRE, Paulo. **Lecciones de Paulo Freire, cruzando fronteras:** experiencias que se completan. 1.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003, 256p. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100720083511/gomez.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.

PADILHA, Paulo R. **Planejamento Dialógico:** como construir o projeto político pedagógico da escola. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 157p.

PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S.; CARNICEL, Amarildo. **Palavras-chave em Educação não- formal**. 2. ed. Holambra-SP: Setembro, 2009. 304p.

PEDROZA, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n2/v17n2a06.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

PEREIRA, Maria L. de O.; BURITY, Carlos H. de F. A importância de atividades educativas fora do espaço formal da sala de aula para ensino de ciências. **Rev. Saúde e Ambiente**, v. 6, n. 2, 2011. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.br/index.php/sare/article/view/1544>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. 4. ed. São Paulo: LTC, 2010. 340p.

RIBEIRO, Paulo R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia (Ribeirão Preto)** [online]. n.4, pp.15-30, fev./jul. 1993 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/03.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

SANTOS, Mayron E. R. Pedagogia e a arte circense: subsídios para vida prática, para o desenvolvimento humano e o convívio social. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**, Uberaba, v. 1, n.1, p. 38-45, 2013. Disponível em: <revistas.uniube.br/index.php/anais/article/download/781/1077 >. Acesso em: 28 out. 2017.

SILVA, Andréia B. da. **Brinquedoteca**. Monografia (Especialização). 2006. 38f. Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, Universidade Cândido Mendes. Niterói, 2011. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ANDR%C3%89IA%20BASSI%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

SOUZA, Cléia R. T. de. A educação não-formal e a escola aberta. In: Anais do VIII EDUCERE – Congresso Nacional de Educação: "Formação de professores". 06 a 09 out. 2008. **Anais ...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, 2008. 11p. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/444_356.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2017.

STIGAR, Robson; SCHUCK, Neivor. Refletindo sobre a história da educação no Brasil. **Grupo Educacional Opet**, Curitiba (PR), A vida em Prática, Artigos e Publicações, Artigos, Educação. [online]. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/site/pdf/artigos/EDUCACAO-refletindo-sobre-a-historia-da-educacao-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

TRAVITSKI, Rodrigo. Rizoma é um sistema aberto (Deleuze e Guattari). **Rizomas**. [Texto digital], 11 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/site/pdf/artigos/EDUCACAO-refletindo-sobre-a-historia-da-educacao-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

TRILLA, Jaume. **A pedagogia da felicidade** - Superando a escola entediante. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 216p.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

VASCONCELOS, Maria L. M. C.; BRITO; Regina H. P. de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes, 2010. v. 1. 196p.

VIEGAS, Dráuzio (org.). **Brinquedoteca Hospitalar**: isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: WAP, 2008. 168p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2010. 224p.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO VOLUNTÁRIO DA PESQUISA

Eu,....., portador do CPF:....., voluntário do grupo..... aceito, pelo presente Termo, participar de entrevista/grupo focal para o trabalho com o título provisório “Espaços não Escolares: Em que medida práticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas?” da acadêmica/estudante do Curso de graduação em Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, de Lajeado/RS, Pauline Dahmer, orientada pela professora Dra. Danise Vivian, que tem por objetivo Analisar em que medida praticas promovidas por um grupo de voluntários se manifestam como ações pedagógicas em espaços não escolares?

Pelo presente Termo fico ciente que:

1. A pesquisa poderá solicitar registros fotográficos de minha própria autoria, garantido o sigilo da minha identidade se assim o desejar.
2. A geração de informações será feita por meio de entrevista semi estruturada e grupo focal e autorizo a gravação da mesma para possível transcrição desta para a pesquisa referida aluna supra citada;
3. Posso pedir esclarecimentos sobre quaisquer aspectos da pesquisa antes e durante o seu desenvolvimento;
4. Posso abandonar a entrevista e/ou grupo focal antes e durante o seu curso, sem quaisquer prejuízos para mim;
5. É-me garantido o sigilo quanto à origem das informações, não podendo ser revelada a minha identidade, a não ser que eu o queira e registre esse desejo quando da assinatura deste documento;
6. As informações coletadas serão interpretadas e gerarão uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Pauline Dahmer, cujo resultado será apresentado no mês de dezembro/2017, garantindo-me o sigilo da fonte das informações;
7. Caso a atividade/trabalho, após sua apresentação/defesa em aula/evento, seja enviada para a Biblioteca da UNIVATES, este Termo não a acompanhará. Ficará como apêndice da atividade uma cópia em branco deste Termo;
8. Frente a qualquer dúvida, estão à disposição para esclarecimentos a professora orientadora: Dra. Danise Vivian pelo e-mail dvivian@univates.br e a acadêmica: Pauline Dahmer pelo telefone (51) 992416878, ou pelo e-mail paulinedahmer@universo.univates.br

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de pesquisa e outra do entrevistado.

.....,..... dede 2017.

Acadêmica/estudante

Entrevistado

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre Informado para Representante do Grupo: Idealizadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE INFORMADO PARA REPRESENTANTE DO GRUPO: IDEALIZADORA

Eu, _____, aceito participar de uma entrevista a ser desenvolvida pela aluna Pauline Dahmer, através do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS. Orientada pela professora Dra. Danise Vivian. Esse trabalho tem como objetivo analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar da Educação Infantil.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações e gravações de voz, a fim de contribuir no campo educacional. As informações obtidas nesta pesquisa terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal, e identidades, assegurando o sigilo das informações adquiridas.

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de aula e outra do entrevistado.

...../RS,de.....de 2017.

Nome do entrevistado: _____

CPF _____

Acadêmica: Pauline Dahmer

CPF _____

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com a idealizadora do grupo de voluntariado**ENTREVISTA COM A IDEALIZADORA**

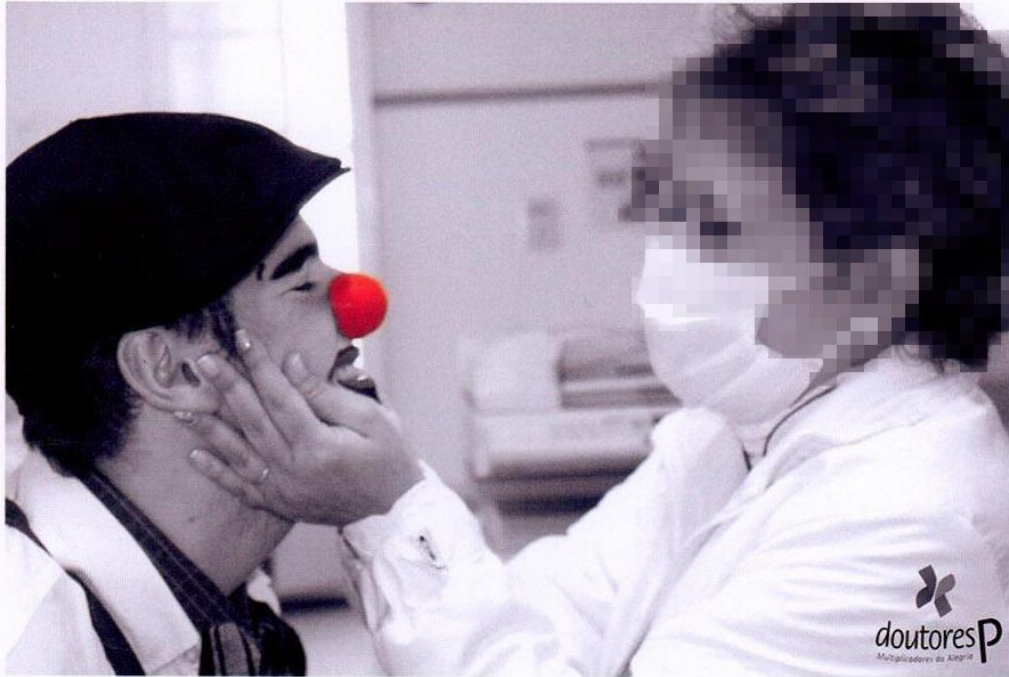
Nome: _____

- 1) Como o grupo “Multiplicadores P da alegria” se constituiu?
- 2) A origem do nome do grupo?
- 3) Há quantos anos praticam esse trabalho voluntário?
- 4) Atualmente o grupo é composto por quantos integrantes?
- 5) Aonde são desenvolvidas as ações do grupo?
- 6) Quem é esse voluntário que hoje participa dessa prática?
- 7) As reuniões de planejamento para a promoção dessas ações ocorrem em qual periodicidade?
- 8) Como a pessoa que tem interesse em participar do grupo é selecionada?

Realizarei os registros da entrevista com o auxílio de um gravador de voz, dessa maneira conseguirei reproduzir com mais precisão as respostas.

APÊNDICE D - Fotografias escolhidas pelos integrantes do grupo

3



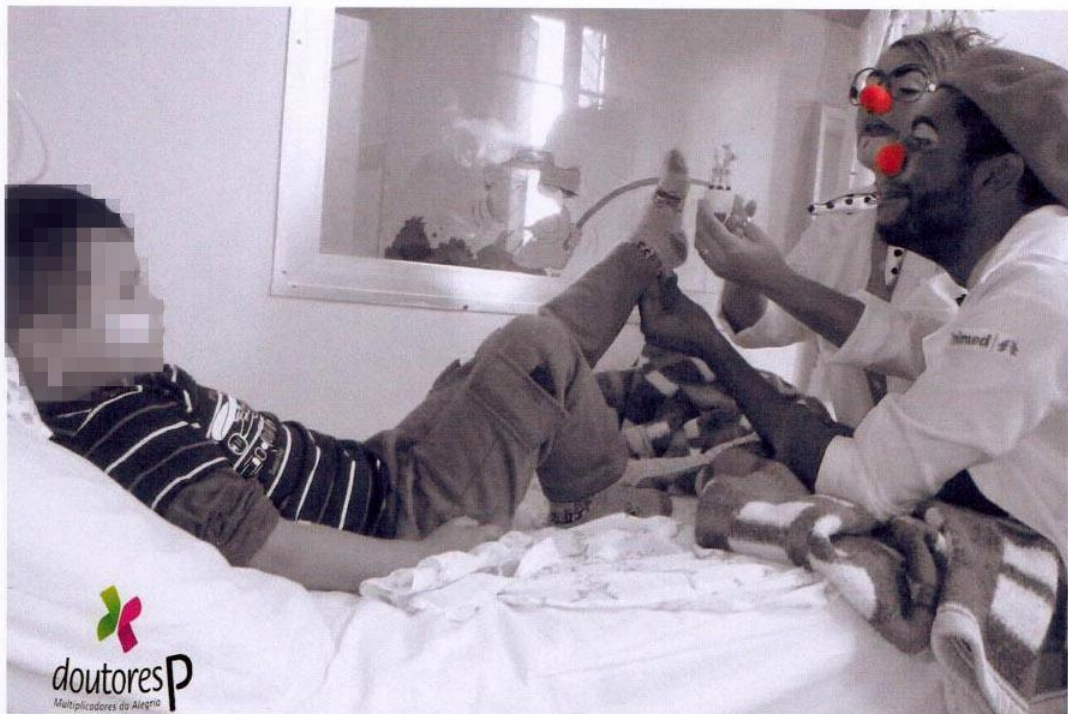
3



R



E



APÊNDICE D - Respostas dadas pelos integrantes do grupo em função da foto escolhida

W

"Acredito que essa foto seja um exemplo de ação pedagógica por entender seu conceito teleológico enquanto ação que visa a um fim através de meios menores, ao que me proponho, o pouco que levo é capaz de subverter a realidade de quem se aproxima, mesmo face às duas figuras tão ambivalentes, o médico e o palhaço, desse encontro, há uma troca, cada um saindo dele um pouco mais completo".

M

"Escolhi essa foto por ser o momento em que levamos o Teatro para as escolas... proporcionar momentos de Cultura e junto o trabalho que realizamos dentro do hospital para as escolas do interior, nada mais é que um momento pedagógico. Espaço em que crianças do interior que não tem acesso ao teatro, possam contar com um momento de alegria e aprendizado, levado de maneira lúdica".

"Adoro essa foto, por ser um momento em que todas crianças e adultos vivenciam e compartilham da alegria mesmo nos corredores do hospital".

R

"Escolhi essa foto, pois foi um convite da Escola, nos proporcionando uma linda oportunidade de explicar sobre nosso trabalho. Uma maneira da comunidade escolar nos conhecer mais, como palhaços de hospital, e também como Grupo de Teatro".

"Para mim esse foi um momento importante para o grupo, uma vez que no Roda Artística foi numa intervenção com os alunos do curso de Pedagogia da UNIVATES, em ambiente acadêmico, a convite da professora. Isto nos mostra a importância de

nosso trabalho e de como abrange, direta ou indiretamente, outros municípios. Quanto a serem consideradas ações pedagógicas. Acredito que todas as nossas ações, de alguma forma, em algum momento, são ações pedagógicas, uma vez que a sempre interação, troca de possibilidades, tanto como o corpo de enfermagem, médicos e pacientes, como também com a platéia nas Rodas Artísticas, ou mesmo público em alguma outra intervenção. O processo de ensino-aprendizagem é constante e, para nós da trupe, crescente.

COORDENADORA

"A fotografia escolhida fala do encontro com o ser lúdico que é o palhaço... é através do jogo entre palhaço e paciente que as relações se estabelecem, podendo serem encontros de olhares, sorrisos, encontros tristes e encontros felizes, porém sempre há uma relação estabelecida e algo sempre fica deste jogo lúdico.